

CURSO DE HOMEOPATIA UNICISTA – Vol. VI

**Palestras proferidas pelo Prof. Dr. Alfonso Masi Elizalde Presidente do
Instituto Internacional de Altos Estudos Homeopáticos James Tyler
Kent – Buenos Aires, durante o
“ENCONTRO COM MASI ELIZALDE, no Rio de Janeiro, em Dez/2.000
Projeto “Homeopatia Sem Fronteiras”**

GEMASI – MAR/2022
Edição – Célia Regina Barollo

ENCONTRO COM MASI ELIZALDE

PROJETO “HOMEOPATIA SEM FRONTEIRAS”

Obs: Este texto foi redigido a partir da transcrição da gravação das palestras proferidas pelo Prof. Alfonso Masi Elizalde, no Rio de Janeiro em Dez/00. As fitas gravadas foram transcritas por Silvia I.W. Priven, colocando notas explicativas aos comentários do Prof. Masi, bem como notas explicativas sempre que julgou necessárias.

O SEXTO NÚCLEO: DA RECONCILIAÇÃO

Em primeiro lugar, quero esclarecer que o núcleo da reconciliação não está confirmado¹. Portanto, sugiro que até termos achado um nome plenamente satisfatório para este núcleo, chamemo-lo de “**6º núcleo?**”², com a interrogação, pois não é o mesmo que os demais núcleos, freqüentes nas patogenesias, especialmente os núcleos da **culpa** e do **temor ao castigo** – e com menor freqüência, os núcleos da **justificação** e da **nostalgia**. Deve-se ter muito cuidado antes de integrar este núcleo no quadro da Psora.

Aparece de maneira muito clara em *Menyanthes*. Está montado em cima de um Grande Tema (por causa do grande número de sintomas³): a **Opressão**. Tudo é pressão, todos seus sofrimentos devem-se à pressão. Procuramos entender o que significa a pressão na linguagem corporal, utilizando para isso a analogia: sofrer por pressão significa a **perda da liberdade**, o oprimido.

Além do Grande Tema – numérico - da pressão, i.e., a tradução da perda da liberdade, havia outro Grande Tema – pela originalidade – paradoxal, a respeito do restante da sintomatologia, que tanto sofre pela pressão, surpreendentemente, **melhora pela pressão**. Todas as dores pressivas melhoram quando coloca a mão no local afetado; quando retira a mão, as dores reaparecem. É algo paradoxal, estranho em relação ao resto da sintomatologia.

¹ Penso que poderá vir a ser acrescentado, depois de se trabalhar muitos medicamentos já estudados, pois antes não se considerava a possibilidade de sintomatologia deste núcleo.

² Núcleo da reconciliação ou do reto caminho, não sei como chamá-lo.

³ Os Grandes Temas podem ser definidos: a) Pelo grande número de sintomas; b) Pela originalidade da sintomatologia.

O que se devia fazer era compreender por que acontecia isto, o que significava num nível mais profundo, no nível da essência do medicamento. Para resolver esta questão, nem foi preciso se recorrer à analogia, o dicionário comum dava a resposta: a **mão** significa oprimir, é manifestação da opressão, mas também tem uma parte “boa”, outro significado. A mão também significa **ajuda**, liberar, desoprimir, mas através da **ajuda do outro** (“dar uma mão”).

Procurando na Psicologia, especialmente no Collin, surgia um significado profundo, de elevado nível hierárquico, pois coloca um dos problemas mais difíceis da Filosofia: **a ajuda de O Criador é uma trava ao livre arbítrio?** Ou seja, o que acontece com o livre arbítrio, se O Criador resolve as coisas como melhor entender? Para, a mão tem o significado “ruim”, é uma opressão, tira-lhe o livre arbítrio, a liberdade. Não percebe que a pressão da mão o alivia. Deveria refletir sobre isso, “conhecimentos que abarquem o Universo”, pois lhe permitiria a possibilidade de resolver sua problemática sem o uso de medicamentos.

Este núcleo se for confirmado, poderia indicar ao paciente - e também ao médico - **o caminho da cura**, o que seria especialmente vantajoso enquanto não tivermos terminado de experimentar patogeneticamente todas as substâncias da natureza. Pode-se tentar fazer que compreenda que a ajuda, especialmente a ajuda Divina, não é uma trava ao livre arbítrio.

Eu já vinha pensando - e nisto sigo Hahnemann, pois ele já o afirmava - na possibilidade de uma Psicoterapia estruturada sobre a base de nosso conceito de enfermidade e nosso conhecimento sobre o homem, entendendo-o desde a perspectiva aristotélico-tomista, a noção de composto substancial, com um destino último, a beatitude. Hahnemann, numa carta - não lembro se para Stapf ou para um paciente, que constitui mais uma prova do Tomismo de Hahnemann - escreve que “ainda depois de morto, o Criador, em Sua infinita bondade, continuará a nos ajudar para que nos elevemos em pró de nosso fim último: tratar de assemelhar-nos cada vez mais a Ele, aperfeiçoar nossa condição de imagem d’O Criador, sermos cada vez mais a imagem Dele”.

É evidente que o 6º núcleo trata disto, de saber por onde conduzir a Psora Primária dos pacientes. Mas isto ainda deve ser confirmado em mais medicamentos.

De alguma maneira, o quadro de é o quadro típico da rebeldia dos adolescentes: “faço o que eu quero, não tenho porque aceitar o que manda meu pai, já estou grande, viro-me sozinho”. Destes rapazes, algum pode ser um legítimo, os demais, não, mas o medicamento pode ser um bom similar para esta situação.

Todos os sintomas têm apreciações diferentes: por um lado, indicam o caminho da melhora; pelo outro, remarcam a problemática psórica. No caso de *Meny*, a rebeldia, pois a pressão que o alivia é a pressão que exerce **sua própria mão**: quando EU aperto é que melho. Se for MINHA mão, sou EU que me curo a mim mesmo: isto realça a problemática de receber ajuda. Mas o que deve fazer, é aceitar a palavra **ajuda**: para melhorar minha sensação de perda da liberdade tenho que aceitar ser ajudado, a ajuda em geral.

Uma vez que surgiu a possibilidade do 6º núcleo, fui procurar sua justificativa no Tomismo. E é Pascal quem a fornece, pois fala do **bom uso da enfermidade**. Ou seja, a enfermidade pode ser bem utilizada. Não estamos livres de sua condição ruim, mas a enfermidade traz em si mesma um elemento positivo que temos que aproveitar.

Segundo S.Tomás, a enfermidade é a forma que O Criador utiliza para nos castigar por nossos pecados. Porém, em alguns casos, também para **nos salvar**. Isto é bem coerente com tudo quanto sempre sustentamos a respeito de que a enfermidade tem um sentido positivo de cura, mas sem a força para chegar até ela – “os esforços miseráveis, incompletos etc.”.

Depois de termos feito toda a revisão crítica, já não é possível evitar a incursão na religião, pois isto é o que Hahnemann coloca. Não há outra maneira de se compreender o homem completo, se não for aceitando sua dimensão religiosa. No Gênese, O Criador expulsou Adão do Paraíso, porém o último gesto do relacionamento direto entre Adão e O Criador é que O Criador deu-lhe uma pele para se cobrir da inclemência do tempo. Ou seja, uma **ajuda**, uma palição, no meio do castigo.

Se isto aconteceu no Gênesis, no nível do **máximo** castigo, por que na enfermidade – outra forma de castigo – O Criador não ia dar-nos também umas “peles”, uma ajuda, algo de positivo dentro do ruim? Não aceitar isto, é desconhecer O Criador em Seu infinito amor.

Aliás, O Criador nem sequer castiga, é o homem que, através de suas ações erradas, gera o que depois tornar-se-á castigo. Como disse S. Tomás, “Aquilo que se torna sofrimento e castigo em cada homem é aquele aspecto da lei que não quis obedecer”. Nash⁴ falou a mesma ideia com outras palavras, “Por trás da sintomatologia de cada enfermidade, encontra-se a sintomatologia da lei violada”.

⁴ NT: O professor Masi disse Nash, mas acho que se confundiu, pois quem disse isto foi Allen. Aliás o próprio professor falou isto em outras palestras.

A confirmação do 6º núcleo completará de maneira harmoniosa tudo quanto dizíamos: graças a O Criador, sempre, ainda no meio do pior, está o alívio, se o soubermos aceitar e seguir o caminho que nos indica. Prejudica-se a si mesmo quando não aceita os conselhos Daquele que sabe mais do que ele. Da desobediência e rebeldia de não sai nada de bom. Os conselhos indicam-lhe que deve manter-se dentro da lei, mas ele, em sua rebeldia, afasta-se da lei. Então vêm as conseqüências – que nós chamamos de **castigo**, mas que só é algo fisiológico.

O Criador governa o mundo através dois grandes elementos: a **Lei**, para que saibamos por onde andar, e a **Graça**, para nos ajudar a seguir o caminho naqueles aspectos que achamos serem mais difíceis.

Isto se vê claramente em *Arsenicum*, com sua problemática da ordem, do desejo de governar, a responsabilidade. Se o outro não cumprir o devido, é porque ele, *Ars*, teria que ter-lhe ensinado melhor. Por isso, quando não pode cortar a corda, sente que é ele quem está sendo enforcado: está sendo castigado. Mas *Ars* tem outro Grande Tema: a **desgraça**. Desgraçado, condenado, sem ajuda. Não só sofre pela problemática da **lei**, mas também pela rejeição da **graça**⁵. O castigo não vem de fora, senão que somos nós mesmos os que o geramos.

Um dos perigos na consideração do 6º núcleo no estudo das patogenesias, é se considerar toda modalidade de melhora como pertencente a este núcleo. Pode ser que seja assim, mas para isso, temos que demonstrar – como no caso da mão de – isto no plano mais profundo, acima do mero fato de melhora física⁶.

Se o núcleo se confirmar, pode ser de grande ajuda desde o ponto de vista prático, nos casos nos quais não encontramos um medicamento que cubra a imagem do paciente. Estes conhecimentos podem ajudar-nos a estruturar uma **Psicoterapia**

⁵ **Pergunta:** Como se pode compreender a graça Divina em medicamentos que têm como tema a **justiça**?

Resposta: A Justiça tem um outro aspecto, que é a **Misericórdia**. Penso que o caminho para a cura de *Nitric Acidum* seja aceitar a contingência de sua avaliação a respeito das porcentagens respectivas de Justiça e Misericórdia que deve administrar, para não lesar a Justiça com um excesso de Misericórdia nem lesar a Misericórdia com um excesso de Justiça. Eu faço o melhor que posso, de resto, o Criador proverá. Eu não posso chegar ao perfeito equilíbrio entre Justiça e Misericórdia.

⁶ O núcleo de reconciliação não pode ser estabelecido até depois de se ter estabelecido a hipótese do medicamento. Para estudá-lo, deve-se recorrer à simbologia. Por exemplo, “melhora à beira mar”: deve-se estudar o que significa o **mar**. Desta maneira poderemos saber se o sintoma contribui para o núcleo de reconciliação. Uma modalidade de melhora é só algo fenomênico: “melhora pela pressão da mão”. Só depois de se procurar o que há por trás do mero fato físico da mão, no inconsciente coletivo, é que podemos perceber que isto implica numa outra coisa.

Homeopática. Sabemos os riscos de toda psicoterapia – e a nossa não estaria isenta destes - mas esta estaria baseada sobre algo que as demais – excetuando a Logoterapia de Viktor Frankl⁷ – não consideram: o elemento espiritual. Deve-se trabalhar com o paciente – na medida de sua capacidade – a existência do elemento espiritual, a finalidade deste nível espiritual: a busca do absoluto, do transcendente. Daí a trazer à tona a existência do Criador, com Suas características, só há um passo. Com isto conseguimos evitar muitos dos riscos das outras formas de psicoterapia⁸.

Temos a **transgressão**, a **falta**, a **culpa**; o **castigo**⁹; a **nostalgia**¹⁰; o **temor a ser castigado**, pois sou culpado; tirar um pouco da culpa com o núcleo da **justificação** e o núcleo que nos indica o **caminho para volver à trilha correta**.

A cura implica em aceitar a intervenção do Criador em nossa vida cotidiana, retornar a Ele. Quando *Nit-ac* aceitar que sua decisão pode estar equivocada, por causa de sua falibilidade humana, está sendo **humilde**, ou seja, o exato oposto da **soberba** que originou tudo isto. O núcleo de reconciliação é humildade pura: faz que o homem reconheça que foi soberbo.

Qual não seria a tranquilidade de *Bryonia* se aceitasse que é o Criador quem provê, no lugar de se preocupar com o futuro e de tomar precauções!

É um ato de humildade: reconhecer que precisamos da ajuda do Criador, “o Grande Espírito que adoram os habitantes de todos os sistemas solares”. Com isso acaba a angústia. Trata-se de se tornar ciente daquilo que fala a Escritura, “Nem cai uma folha de uma árvore sem que o Criador assim o disponha”. E como o Criador é todo amor, já não tenho mais problemas.

Portanto, a única evolução correta da Etapa Terciária da Psora é a **entrega**: “Aceito minha Etapa Secundária da Psora, com seu sofrimento, sua sensação de vulnerabilidade, incapacidade, mas sem fatalismo, senão porque sei que é o Criador quem se encarrega de tudo. E, aliás, Ele ama a cada um de nós como se fôssemos o único outro ser existente”.

⁷ Em seu livro *A presença ignorada de Deus* explica que a psicossomática e as terapias mentem quando afirmam que têm reconstituído a unidade do homem, porque só são “psicossomáticas”. Para se recuperar a verdadeira unidade do homem deve dizer-se “espírito-psico-somáticas”, pois é o espírito o motor do processo todo. O psíquico é só uma das maneiras de expressão do espiritual. Este mesmo conceito eu o expressei em minhas *Actas*.

⁸ Eu não rejeito as noções fisiológicas e fisiopatológicas trazidas pela Psicanálise, ainda a ortodoxa. Não se pode negar os mecanismos do inconsciente, a repressão.

⁹ Ainda vou mudar este termo, porque deveria falar-se nas **conseqüências** do castigo.

¹⁰ Lembrança da perfeição que se tinha e foi perdida.

Pergunta: a respeito do 6º núcleo e da Egotrofia Mascarada

Resposta: Por isso é perigoso [antecipar-se]. Há algo sobre o qual estive pensando nos últimos meses. Há fatos que parecem paradoxais, contraditórios, com nosso conceito de enfermidade: uma pessoa egotrófica à qual o meio não lhe permite triunfar como egotrófica, entra em crise psórica secundária e faz um câncer ou alguma outra enfermidade física violenta. Mas nós sempre dizemos que a Psora Secundária não provoca lesões. Como se explica?

É uma **falsa** crise psórica secundária, porque a pessoa não abandonou seu objetivo egotrófico, ela quer continuar sendo egotrófica, só que o meio não lhe permite. Então entra na angústia. Mas esta angústia não é produzida pela projeção de sua Psora Primária no meio. Como não pode satisfazer sua egotrofia no nível superior, realiza-a no nível inferior.

Ou seja, podemos situar a origem da Etapa Psórica Terciária¹¹ em referência à primeira etapa do ato humano, i.e., em relação aos **fins**. A pessoa não muda os fins, continua sendo egotrófica, embora sofra como psórica secundária, porque não tem outra maneira para sofrer, então sofre com sua problemática psórica secundária. É um retorno aparente.

E também há o outro aspecto, a dinâmica miasmática. A pessoa, à qual o meio não lhe permite triunfar com sua atitude, muda de miasma. Não é contraditório. O que acontece é que translada o juízo para **outro momento** do ato humano. Continua considerando o meio ambiente como o culpado, mas como não pode triunfar através da egotrofia, procura derrotá-lo como alterlítica. Mas ainda há **erro no juízo do ato humano**.

A única maneira para se aceitar uma crise como verdadeira é quando a pessoa - pela ação do *simillimum*, jamais do similar - **objetiviza** sua situação, que antes a tinha em sua carne. Um exemplo de boa evolução é o de aquela paciente de *Arnica*, quem deixou de falar “sou uma inútil” para dizer “não sou uma inútil, estou *inutilizada* pela enfermidade”. Tinha **separado** [de si] seu inimigo fantasma.

É isto o que se deve procurar no *simillimum*, que o paciente comece a se questionar: “E de onde apareceu isto, esta ideia de ser inútil, se eu não sou inútil? Por que estou com esta sensação?” Este é o bom caminho.

¹¹ E falo em **Etapa** porque se falar em Psora Primária, Psora Secundária etc. contribui a manter a divisão da Psora. Portanto, é melhor se falar em **etapa** primária, secundária etc. da Psora.

Pergunta: Mas neste caso, não poderia ser uma egotrofia mascarada? Porque não teve melhora dos sintomas físicos, não poderia só ser uma justificativa egotrófica?

Resposta: Não. Isto é muito claro naquele caso de *Lycopodium/Staphisagria*. O enfermo **nunca deixou de perseguir seu objetivo**, o que foi evidenciado pelo interrogatório. Na egotrofia franca queria impor que as pessoas andassem pelo caminho correto, castigava os alunos da escola onde trabalhava. Não aceitava escusa alguma, por mais válida que fosse. Com a supressão da arteriopatia, falou que “era uma outra pessoa”, que tinha perdido aquele jeito horrível de ser, agora não mais era um ditador, um autoritário, mas que era um amigo dos alunos, porque – e aí traiu-se – “com a atitude anterior gerava reação, o que piorava a atitude rebelde das crianças. Agora, através do conselho, a ajuda e a amizade, andam pelo caminho devido”. Era a mesmíssima pessoa, não tinha mudado em nada. O interrogatório permite constatar trata-se de uma egotrofia mascarada ou de uma verdadeira separação do problema: reconhecer que aquilo que acreditava ser o inimigo, não era tal.

Pergunta: Mas no caso de *Arnica*?

Resposta: *Arnica* iria procurar que se lhe reconhecesse sua utilidade através de adulação, carinho: “Querido, o que você achou do bolinho que fiz para você? Está bom?” no lugar de falar: “Olha como trabalho, me mato trabalhando e você não presta para nada, você é inútil, preguiçoso!”. Sempre conserva o tema da **inutilidade**, precisa que lhe falem que é eficiente.

Pergunta: O que eu queria saber é por que sua paciente de *Arn* não estava em egotrofia mascarada.

Resposta: O quadro da paciente era o de uma artrite reumatóide, que tinha sido suprimida através da alopatia, o que lhe produziu uma cirrose hepática evolutiva. Quando me consultou pela primeira vez, estava em uma anasarca generalizada que, com o tratamento, desapareceu por completo, acompanhada de uma normalização espetacular do hemograma. Como o quadro era tão grave, eu deixei que continuasse o acompanhamento com sua médica clínica, com a condição de que ela não soubesse que ao mesmo tempo seguia um tratamento homeopático, para manter a objetividade. A médica não acreditou nesta evolução, disse-lhe que era um milagre. Com esta evolução da doença, a reaparição da sintomatologia da entidade suprimida não deixava dúvidas.

E há outra coisa interessante. Quando começava com esta questão das hipóteses, da Psora Primária, eu prescrevia *Arnica* para todo paciente que falasse de um sentimento de inutilidade. Só que obtive um mínimo de sucessos, com grande maioria de fracassos. Um dia, levantei todos estes casos, e percebi que os casos mal sucedidos

não apresentavam o outro pilar de *Arnica*, a sensação de **o meio externo é traumático, perigoso**.

Surpreendentemente, esta paciente também não tinha este tema, e mesmo assim, *Arnica* tinha feito um milagre. Aprofundando no interrogatório, perguntando-lhe quais outras coisas a preocupava, ela disse: “Estou muito preocupada com minha filha. Temo que caia da escada, que o ônibus comece a andar antes de ela ter terminado de subir e a jogue no chão, que o marido bata nela”. “Por quê? Ela tem má relação com o marido?” “Não! Mas às vezes acontece que uma pessoa boa torna-se um marido que bate”. Ela tinha o núcleo da **vulnerabilidade**, só que projetado na filha. O que podia acontecer de ruim à filha não era uma pneumonia, senão quedas, ser espancada: traumatismos!

Pergunta: Qual é a diferença entre **cura** e **reconciliação**?

Resposta: Não há uma grande diferença. Acho que a diferença está na **maneira como** se chega: se com o *simillimum* ou com a Psicoterapia Homeopática. Reconciliar-se é curar-se, porque é recuperar a paz, a aceitação.

Pergunta: As modalidades de melhora pertencem ao núcleo da reconciliação?

Resposta: O que se deve diferenciar é se a melhora deve-se ao *simillimum* ou ao trabalho da própria pessoa. Melhorar por ter-se reconciliado é uma possibilidade. Mas este caminho é muito difícil: eu posso chegar a compreender que X coisa me aconteceu como aviso de que estava no caminho errado. Mas no fundo, não me desprendi da decisão que me fez procurar a egotrofia como a solução para minha vida. Então, há a possibilidade de que a pulsão retorne. E retorna, de fato, pois careço do elemento que me ensine **como sair deste jogo**.

Para sair deste jogo, da projeção no meio de um conflito interno, tenho que estudar: Ao que dou tanto valor? Aquilo tem realmente o valor que lhe dou? Isto só é possível quando se faz entrar na consideração do problema, a questão do **verdadeiro fim último do homem**, em contraposição àquelas coisas que o homem acredita serem o seu verdadeiro fim. Isso já foi colocado por Hahnemann, muito antes da Homeopatia, no *Amigo da Saúde*, quando diz que “sinto pena pela raça humana, que persegue riqueza, poder etc.”

A possibilidade de se relativizar o valor das coisas temporais só é permitida por uma visão desde o plano transcendente. Então, aí sim: o que importa que os outros achem que sou um professor maravilhoso? Não tem importância alguma desde o ponto de vista do transcendente.

Pergunta: O núcleo da reconciliação pode ser útil quando não se encontra um medicamento que redirecione a vida do paciente. Então, qual é a diferença entre cura (i.e., com medicamento) e reconciliação (i.e. sem medicamento)?

Resposta: Com o medicamento, o processo acontece sem intervenção do trabalho do paciente sobre si mesmo. Sem o medicamento, é necessária toda uma elaboração, uma aquisição de conhecimentos, um estudo. Com o medicamento, acontece de repente: “Por que falei que sou inútil? De onde tirei esta ideia?”. É claro que a coisa pode ficar nisto só, mas nós não devemos permiti-lo, devemos continuar: “Você reconhece que é como uma alucinação, uma ilusão. De onde pode vir?” E começar a falar-lhe de seu passado metafísico, ensinar-lhe doutrina homeopática.

Pergunta: Esse trabalho de elaboração, sem o *simillimum*, também pode produzir melhoras físicas? Ou só vai melhorar a angústia, enquanto a energia vital desequilibrada continua a fazer progredir o nível orgânico?

Resposta: Em primeiro lugar, o núcleo da reconciliação serve fundamentalmente para **aperfeiçoar a hipótese**. Este é o verdadeiro sentido de se reconhecer a existência deste núcleo. Por exemplo, quão completo ficou com o núcleo da reconciliação! “Aceita a mão, pois é a única maneira para você estar bem!”. É coerente e harmonioso com todo seu sofrimento: oprimido, liberdade travada... e a melhora – o caminho da reconciliação – consiste em se convencer de que a ajuda recebida não interfere com o livre arbítrio.

Pergunta: Quais remédios se parecem com? Tenho um caso há dois anos, mas não melhorou com *Meny*. Seu tema é a “autonomia”, só fala em autonomia o tempo todo. Não pode manter um relacionamento afetivo, pois acha que o namorado vai interferir com sua liberdade, não consegue manter-se num emprego, sua tese de doutoramento foi sobre “A autonomia do paciente na relação médico-paciente”.

Resposta: O tema surge como **específico** em *Meny*, a respeito da autonomia, do livre arbítrio, da não aceitação do conselho, da ajuda. No interrogatório, em algum momento, vamos ter a impressão de que todo enfermo pode ser *Meny*, porque todo mundo tem esse desejo de autonomia e independência. Porém, nos outros, esse desejo está referido a alguma coisa específica. Ao contrário, em *Meny* o **único** que surge é o livre arbítrio: “Eu faço o que quero em TODO aspecto”, não tem uma especificação.

Em síntese, o 6º núcleo permite:

- 1) Aperfeiçoar a compreensão da problemática profunda do medicamento.
- 2) A possibilidade de uma Psicoterapia Homeopática.

Pergunta: E também prever o caminho da cura com maior precisão?

Resposta: Claro, fornece um parâmetro para saber se o paciente está se curando ou se foi suprimido.

Pergunta: O senhor falou que os sintomas de melhora podem fornecer as pistas para se achar a transgressão. Mas a melhora teria relação com a egotrofia, porque acalma o sofrimento, ou com o núcleo da reconciliação?

Resposta: O que eu falei foi a respeito dos sintomas que aparecem na patogenesia como “curados”. Por uma simples questão estatística, o mais provável é que se trate de uma supressão. Foi assim que começou a questão das melhoras. Mas eu não me refiro à melhora como modalidade senão ao “sintoma curado” durante a experimentação do medicamento.

São estes “sintomas curados” os que fornecem pistas para se conhecer a egotrofia do medicamento, porque **aparenta um estado de saúde recuperada**. Porque, ao final das contas, com o que vou fazer com minha egotrofia? Com o **exagero desmedido** daquilo que eu gosto me dá prazer quando estou são. Porque é **meu tema**. Eu construí minha vida ao redor dessa polaridade: atributo invejado – potência humana desprezada. E isso vai estar sempre, o *simillimum* não cura isto, é minha estrutura desde o momento da concepção. Então, com o que faço a egotrofia? Com a exageração de meu estado de saúde, com os temas que me dão satisfação no estado de saúde: na egotrofia, vou exagerá-los desmedidamente, e sem justificativa para a exageração.

Sem dúvida, podem ser utilizados para a construção do possível 6º núcleo, mas insisto em que deve se fazer uma análise crítica muito cuidadosa e utilizar para a construção do 6º núcleo aquela sintomatologia evidentemente paradoxal a respeito do sofrimento do medicamento, como no caso de *Meny*.

ALGUNS ASPECTOS DOUTRINÁRIOS

Os clássicos não aprofundaram por medo de escandalizar os chamados de “cientistas” e não explicam por que afirmaram o que afirmaram, ficando como algo arbitrário.

A clave disto está em Kent, quando disse: “Devemos aceitar, antes da instalação da Psora, um estado de caos, confusão e desordem, do qual seria muito bom se estudar as causas, os detalhes, mas vocês iriam me dizer que devemos aceitar a Bíblia como verdade científica. Eu aceito, e acho muito bom que se aceite a Bíblia como verdade histórica, porém, mais do que isso, gostaria que vocês compreendessem que a Bíblia é a verdade revelada, embora disto **eu nunca falo em minhas aulas**”.

Vocês percebem o erro desta estratégia? Kent guia-se pela aceitação de que a Bíblia é a palavra do Criador revelada para o homem. Chega à conclusão, apresenta-a, mas não explica o porquê. Para ele está claro, mas para os demais, não. Se eu não compreendo a revelação, o sentido da revelação, não encontro nela a finalidade de ajuda ao homem para que alcance seu fim último, não compreendo absolutamente nada, com esta maneira de se ocultar – parcialmente – o mais essencial: o **motivo** das afirmações.

É isto o que permite todas essas críticas que nos fazem os alopatas homeoterapeutas.

Eu trabalhei seriamente quando achei aquela identidade de pensamento entre Hahnemann e S.Tomás. Pensei: “até aqui chega Hahnemann, temos que seguir desenvolvendo a compreensão da enfermidade humana por este caminho, até que algo nos indique o final”. Mas nunca achei essa barreira, ao contrário, cada vez ampliava mais meu conhecimento, levando-me a temas muito além do que epistemologicamente era considerado o campo da medicina. Perguntei-me: “Falo ou calo? Se falar, vão me chamar de delirante místico. Mas, não, tem que se falar, porque justamente, o defeito na exposição dos clássicos, incluindo Hahnemann, é terem calado o motivo de suas afirmações. Então, eu vou falar. Estabelecendo nitidamente: até aqui chegaram Hahnemann, Kent, Ghattak, daqui em diante é o que eu desenvolvi”. E comecei a falar.

Tive que começar a estudar matérias que nunca tinha dominado. Por isso, meu pensamento está cheio de erros. Alguém mais culto do que eu poderá resolver estes assuntos mais facilmente.

Eu não quis impor uma ideia minha, o que eu procurava era o que podia ser considerado, realmente, a ortodoxia hahnemanniana, ou seja, estabelecer “Hahnemann fala desta maneira, porque pensa de tal maneira, porque seu pensamento inscreve-se em tal escola filosófica, etc.” É isso o que eu procurei. Nunca me coloquei se Hahnemann errava ao se posicionar de tal maneira. Eu só queria saber qual era sua ideia: se estava errado, não era meu problema, o que eu mostro é a ortodoxia do pensamento hahnemanniano. E sempre deixei em claro: “Até aqui chegou Hahnemann”. Mas para mim isto indicava a direção que nosso pensamento devia seguir, e eu a segui, com a ideia de continuar até que aparecesse uma objeção válida. Mas a ideia não é minha, é de Hahnemann.

Sem dúvida que há melhores maneiras para se compreender o sofrimento humano que o Tomismo. Eu admito isso, mas não me interessa, porque não é essa a finalidade que impus em meu trabalho. O que eu queria saber era o que Hahnemann

pensava a respeito do tema. Se outra linha de pensamento for melhor que a de Hahnemann e S. Tomás, ótimo, eu admito isso. Mas o que não se pode discutir é qual era a essência do pensamento de Hahnemann [o Tomismo].

O Neoplatonismo pode ser melhor, mas não é minha questão. O que eu demonstro é que Hahnemann era tomista. Se estava errado, é outro assunto.

Eu já estou cansado. Neste momento, aliás, não acho que nem sequer discutem o que apresento, senão que a rejeição é a priori: Como eu digo que Hahnemann era tomista, ergo, era católico. Levam o problema para uma questão confessional. “Masi, como católico, quer forçar uma visão católica de Hahnemann”.

Eu não recuso a possibilidade de que o Neoplatonismo seja melhor. Só que não é meu tema, o que eu procuro é expor que Hahnemann pensava como S. Tomás. Sem isto, não se pode compreender a parte filosófica de Hahnemann, seu conceito sobre a enfermidade e a saúde.

Eu acho que não afirmou expressamente seu Tomismo, para que acreditassem que estas ideias eram suas. Esta suspeita é dolorosa, mas há outro antecedente: por que estava Hahnemann tão irritado com Paracelso, negando todos os aspectos da Homeopatia que têm seu antecedente direto nele? Até as doses infinitesimais originam-se em Paracelso. Mas Hahnemann reclamava a originalidade para si¹².

Eu não posso afirmar isto, mas é uma forte suspeita, bem fundamentada. Se Hahnemann tivesse dito que era tomista, todo mundo teria estudado suas afirmações à luz da concepção tomista sobre o homem, e teríamos compreendido todo o problema dos miasmas sem tanta confusão.

Eu não fui o primeiro a trazer esta questão do Tomismo de Hahnemann. Num curso em 1864, Edmond C. de la Pommeray – discípulo de Gastier, à sua vez, discípulo direto de Hahnemann - completamente racionalista e positivista, disse aos alunos: “Podem acreditar que ainda hoje há homeopatas que procuram relacionar a medicina com a religião, depositando-a nos altares, baseando-se em citações dos santos, especialmente S. Tomás?” Infelizmente eu nunca pude achar essas fontes, mas no século passado, já havia quem tivesse descoberto o pensamento tomista de Hahnemann.

¹² Num prefácio a uma biografia de Hahnemann, escrevi: “Perdoem minha insolência, mas com aquelas notas de rodapé, sua verborragia, seu desejo de ser admirado – pelas ideias de outro – eu ter-lhe-ia prescrito *Lachesis* 10M.

Agora, de onde vem toda esta oposição? Do fato de que, a denominada “ciência” tem-se estruturado sobre uma ideia do homem diferente à que nós aceitamos: um homem platônico ou cartesiano. Nós aceitamos um composto substancial. Aqui está a chave do problema.

Um outro argumento utilizado contra, é que Kent afirmou que todos seus conhecimentos filosóficos emanaram de Swedenborg. E quem foi que falou que Swedenborg não sabia Tomismo? Que a essência de seu pensamento não estava estruturada também sobre o Tomismo? Isto não é argumento algum. Pois o saber de Swedenborg era enciclopédico, alguém tão inteligente quanto ele não poderia deixar de ficar deslumbrado pela lógica do pensamento tomista, ou aristotélico. Kent herdou a porcentagem tomista do pensamento de Swedenborg. Por isso concorda com Hahnemann. Sem dúvida, há outros aspectos que não são de Hahnemann, senão possivelmente de Swedenborg: sua ideia das altas dinamizações, das oitavas do piano, da substância simples.

Este é o problema da Homeopatia: colocar, neste século, um homem oposto ao concebido pelos cientistas, e ainda, afirmando que este homem é mais real que o deles. Por que é mais correta a ideia sobre a relação entre alma e corpo de Platão que a de Aristóteles? Por simples capricho. E por que esse capricho? Porque é mais fácil.

Já Hahnemann dizia: “Só aceito Platão quando dá exemplos claros, no resto, não o aceito”. Os exemplos claros serviram-lhe para convencer aos médicos a aceitarem a problemática da alma na consideração da enfermidade. Por isso o parágrafo 9º parece platônico: o homem está composto por organismo, energia vital e espírito dotado de razão que habita nele. Mas ninguém presta atenção ao parágrafo 15º: esta divisão é só artificial para facilitar a compreensão, mas tudo é uma e a mesma coisa.

Disto resulta uma medicina dedicada, sistematicamente, a melhorar seu conhecimento sobre os problemas do corpo. Algumas escolas, até que aceitam a influência da psique sobre o somático, mas sem o peso da obrigação. É muito difícil fazer-lhe compreender que uma colecistite aguda, expressa em sua “linguagem de vesícula biliar” - que nós não compreendemos em seu significado profundo - o mesmo que o enfermo fala de sua angústia. E não pode falar outra coisa, porque somos um composto substancial.

Mas aqui pedimos que aceitem o espírito com seu objetivo, o transcendente, o absoluto. Ou seja, o Criador. E enquanto aparece a palavra “Deus”...

Por que nos combatem? Porque exigimos o reconhecimento de um homem com espírito, portanto, um homem cujo fim último é sua relação com o Criador. Isto implica no reconhecimento da existência do Criador.

EU NÃO LIGO. RECONHEÇO TODOS OS PROGRESSOS DA MEDICINA OFICIAL A RESPEITO DO DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DAS ENFERMIDADES SOMÁTICAS. MAS ISSO NÃO IMPLICA EM QUE CONSIGA COMPREENDER O HOMEM MELHOR DO QUE ANTES¹³

CRÍTICA AO ESTUDO DE MATÉRIA MÉDICA

Algo que não serve é falarmos só nas conclusões finais sobre os medicamentos. Em geral, fazemos a hipótese, mas não a discutimos. O mais importante na metodologia é a discussão das imagens deduzidas dos medicamentos, e não o fazemos.

Assim, enviam-me hipóteses. Um destes trabalhos criticando *Lach* dizia que eu apresentava o medicamento como se fosse um delirante místico. Não entendem que, o que é a imagem exagerada, não é do enfermo *Lach* que tenho na frente, senão a do *Lach-Adão*, onde toda a problemática se manifesta de forma exagerada. E também, os temas estão muito bem trabalhados, os núcleos bastante bem, a classificação no esquema antropológico também bem. Mas quando chegam na hipótese, entusiasmam-se com um aspecto do medicamento, esquecendo dos demais aspectos, também inegáveis. Na hora de trabalharem a dedução de imagens, só 4 linhas! Mas nisso consiste a verdadeira maneira para se enriquecer a Matéria Médica.

Uma outra coisa que também quero fazer, nestes seminários, é expor uns poucos medicamentos e só aqueles que eu estudei. Pois parte das pessoas vêm para aprender a maneira de se trabalhar, querem aprender a fazer hipóteses, mas outra parte das pessoas só quer é minha opinião, não querem aprender a fazer o trabalho senão ouvirem minhas conclusões. Antes eu só queria ensinar a metodologia e mandava todo mundo a trabalhar.

Por exemplo, no último seminário na França discutimos *Carb-s*. O mais chamativo é que *Carb-s* **não tem o meio termo**, alterna de um lado para o outro, jamais está no

¹³ Numa entrevista na Alemanha perguntaram-me qual era minha relação, como homeopata, com a medicina oficial. Respondi: "Acho que a alopatia é uma medicina alternativa muito boa. Mas isto é só porque os homeopatas ainda não temos experimentado todas as substâncias da natureza. Quando isto tiver sido feito, diminuirão as instâncias nas que recorreremos, como mal menor, a essa medicina alternativa chamada de alopatia por Hahnemann". É a verdade.

meio. Concluimos que se devia estudar a problemática que possa ter uma pessoa na **escolha do justo meio**. Não se podia negar que isso estava no medicamento.

Tempo após, Fayeton enviou-me uma hipótese nova, ressaltando um outro aspecto de *Carb-s*, que também existe na sintomatologia: a questão de que **não quer obstáculos, problemas, preocupações, “sans souci”**. Mas com isso, manifestou um dos erros da metodologia: apaixonar-se por um aspecto do medicamento. Ao privilegiar o “*sans souci*” esqueceu a alternância, coisa que não poderia ter feito porque está no medicamento e de maneira muito marcada.

Respondi que tinha gostado de sua hipótese, mas que só era uma “semi-hipótese”, pois não podia apagar a importância da alternância. O trabalho correto seria procurar a união entre “obstáculo”, “*sans souci*” e “justo meio”. Só então teremos a imagem profunda e completa do medicamento.

A maioria dos medicamentos não está no estado de **tese** senão de **hipótese**. Quando vocês recebem estas hipóteses, o que devem fazer é estudar, procurando as críticas. Nenhum remédio está concluído. Um medicamento que eu dava – e dou – como em estado de tese é *Lachesis*. Mesmo assim, há quem discuta. Falam que a palavra-chave de *Lach* não é **admiração**. Enviaram-me trabalhos que exibem um conhecimento imperfeito da metodologia.

Alguns não entendem que o tema fundamental admite dois componentes: o componente realmente central, que é quem dá a *sfumatura*, a *nuance* do medicamento, o que permite outorgar-lhe uma individualidade específica; e o outro cortejo de coisas que também estão, mas que não é o centro.

Então, na crítica a *Lach* diziam “há tudo isto e aquilo, não só admiração”. Eu não digo que não estejam todas as outras coisas, mas o que mais ressalta na sintomatologia é a admiração, as demais ficam ao lado¹⁴.

Temos que considerar que há uma **perda central** e **perdas secundárias** nas potencialidades do homem. A arte para se chegar a uma boa conclusão, utilizando-se a metodologia, é poder determinar a perda principal; o resto é secundário. Não é que o resto não exista, mas não é o que dá o matiz ao medicamento, o gênio do medicamento. Por isso é que aparecem hipóteses semelhantes entre vários medicamentos.

¹⁴ NT: Isto contradiz o que Masi afirmou acima, no caso de *Carb-s*, de que não se deve ficar com um aspecto do medicamento, mas que devem integrar-se todos os aspectos!!!

Tem que se ter o cuidado de advertir que todo este trabalho é evolutivo. Temos que advertir às futuras gerações de homeopatas que o que falamos é produto de um trabalho que vai se aperfeiçoando ano a ano. Portanto, só se podem aceitar como minha opinião definitiva, aqueles medicamentos que classifico como em estado de tese, a respeito de sua Psora.

Porque as pessoas se confundem. Não perceber que o pensamento de Hahnemann era evolutivo fez um mal terrível à Homeopatia. As diversas escolas, a partir dos **mesmos** textos, opinam que a Homeopatia é tal ou qual coisa. Citam Hahnemann... e as citações são corretas! Não se pode negar que Hahnemann disse que sempre se deve curar a Sífilis com *Mercurius*. Não se pode negar que Hahnemann proibiu a especulação filosófica.

Mas eles não levam em conta que Hahnemann estava muito satisfeito com seus achados da primeira época, eram verdades! Mas evoluiu, seguiu para frente, e estas verdades tornaram-se verdades **relativas**. Mas como eram verdades, as deixou no *Organon*, não as corrigiu.

Aqui nasce a primeira divisão da Homeopatia: as pessoas que defendem a atitude positivista de Hahnemann e rejeitam todo seu aspecto filosófico. No final, Hahnemann não era positivista, mas o foi no início, foi desta atitude, justamente, que veio sua pesquisa, de sua revolta contra o caos das teorias da época. Então falou: “Acabemos com isto! A essência da doença não se pode conhecer”. O que é típico do pensamento positivista. E isto fica assentado no parágrafo 1º do *Organon* e em outros lugares. Porém, após, avançou: sua atitude positivista não era suficiente para dar resposta a uma multidão de questões. Começou a filosofar.

O aspecto positivista da primeira época de Hahnemann está mais acorde à estrutura da formação médica. Por isso é que a maioria para na Homeoterapia, não chegam à Homeopatia. Isto pode ser visto nos Congressos, onde se considera um progresso transformar a Homeopatia numa Alopátia, com outro tipo de medicamentos, mas submetida aos parâmetros alopáticos. Recusam ouvir falar nos miasmas, na origem da enfermidade no afastamento da lei... muito mais recusam ouvir falar no Criador, mesmo quando Hahnemann O menciona constantemente.

Hahnemann começou como positivista para terminar com o caos das teorias que queriam explicar a essência da enfermidade. Então afirmou que isso era impossível de se conhecer: “Acabemos com aquilo e prestemos atenção para o único certo: a sintomatologia”. Não temos que permitir esta possibilidade de erro em nosso trabalho, advertindo que contradições aparentes pode ser o resultado de que o estudo do

medicamento foi feito 20 anos atrás, e que agora, pelo progresso da metodologia, pode haver explicações diferentes das anteriores.

Por exemplo, as hipóteses que realizei quando comecei este trabalho aqui e em Florença, tinham um enorme conteúdo literário. Um dos elementos que utilizava, e que após tirei, era o **núcleo do momento histórico**. Ou seja, procurava o paralelo da problemática do medicamento na história de Adão no Gênesis. Na época nem utilizava a antropologia tomista.

MATÉRIA MÉDICA

AGARICUS MUSCARIUS¹⁵

Nesta hipótese, eu participei - 1989

A criança apresenta-se como adulto. **Recusou a pequenez humana por ter invejado a dimensão e a força da Divindade**. Sente-se débil e pequeno. (O que está de acordo com o delírio dos soldados: querem ser grandes, oficiais). Vexado por precisar de tempo para evoluir, para se tornar grande, de estar obrigado a crescer. Todas estas obrigações e esforços para evoluir são obstáculos imensos. Quer ser adulto imediatamente.

Quer sua **potência** e não sua sabedoria, porque a verdadeira grandeza parece-lhe inacessível. Obnubilado pelo **efeito** da coisa, recusa o aspecto potencial. Valoriza obter o efeito, especialmente a **força física**. Acredita que chega ao efeito, a obter resultados,

¹⁵ Não é uma patogenesia senão uma intoxicação, e aliás, uma intoxicação de pessoas com a mesma profissão. São soldados, que comeram o cogumelo, aliás, sabendo que o comeram e quais propriedades lhes eram atribuídas. E todos fazem um delírio semelhante, que aparece no repertório: desejo de ser um oficial, ilusão de ser um oficial, um comandante. Por isso, neste caso, não podemos começar como sempre fazemos, perguntando-nos “o que significa ser um oficial?” O único que poderíamos concluir é que a intoxicação com *Agaricus* implica num delírio de tipo egotrófico: os soldados tornam-se oficiais (algo lógico para militares egotróficos). Eu desconfio da possibilidade de chegarmos a uma hipótese correta neste medicamento.

O problema de *Agaricus* é o de todos os tóxicos, porém sempre há algo que nos permite aproveitar a patogenesia, e não rejeita-la completamente por ser uma intoxicação. Porque, a pesar de tudo, fica armada uma ideia comum. O mesmo é o caso de *Kali-br*, onde entre os intoxicados houve pessoas energeticamente sensíveis, pois apresentaram sintomas de elevada hierarquia, semelhantes em vários intoxicados, permitindo se montar uma imagem do medicamento, diferente da imagem de outros medicamentos. (Lembrar: um mesmo tóxico produz o mesmo quadro somático em todos os intoxicados, mas delírios diferentes, pertencentes à própria pessoa, pois o tóxico desperta sua problemática psórica pessoal. Por isso não se podem utilizar estes sintomas mentais para montar a imagem de um tóxico). Mas em *Agaricus*, consegue-se montar uma imagem bastante coerente: a recusa da autoridade dos outros, a recusa de ter que realizar o esforço de amadurecimento e de adquirir sabedoria – por isso que rejeita a autoridade dos outros – e sente que estão submetendo-o arbitrariamente.

crece por sua força física, seu vigor, e não por sua sabedoria. Não pode realizar esforços intelectuais, privilegia o corpo (ou às vezes, o intelecto).

Recusa a autoridade e a hierarquia como uma **força** à que deve submeter-se. Como *Meny*, não aceita o respeito à autoridade, só que em *Agaricus* deve-se a que a considera **arbitrária** e não porque lhe trava o livre arbítrio, como é o caso de *Meny*.

Quis o **poder** mais que a autoridade. A autoridade consegue-se através de uma evolução, de um amadurecimento. O poder pode ser exercido por alguém com força física, embora careça de sabedoria.

Como imagem-chave da essência do medicamento, tem que **submeter-se ao controle de um menor do que ele**: o cogumelo lhe ordena ajoelhar-se.

V. Menescal: O Criador tem conhecimento completo das coisas, nada está fora de seu conhecimento. O homem é capaz de obter conhecimento, mas a partir de um trabalho, ao serviço do qual, dispõe suas capacidades cognitivas e sensitivas, e mais caracteristicamente, racionais. Não só o conhecimento alcançado é diferente, senão que também são os recursos disponíveis ao homem. Enquanto o Criador é inteligência pura, conhecimento atual de tudo, por conhecer-Se a Si Mesmo, o homem é um intelecto que raciocina através de um processo ao infinito, atualizando conhecimento. O Criador tem conhecimento simultâneo e perfeito das coisas; o homem, sucessivo e imperfeito. O Criador não só é capaz de raciocinar plenamente, senão que também É um inteligível pleno, sendo Sua inteligência, relativa a Si Mesmo e não a qualquer outro ser. O conhecimento do homem dirige-se ao Criador e é adquirido indiretamente através dos elementos da natureza que O representam. Este conhecimento resulta em gozo e impulsiona o homem a amar o Criador. Anseio de conhecimento para o qual o homem deve dedicar, voluntariamente, sua atenção de criatura racional, aceitando que tal anseio jamais estará plenamente saciado, por causa dos limites do próprio intelecto humano e da infinidade dos inteligíveis a serem conhecidos.

É uma conclusão satisfatória: recusou o esforço para chegar ao conhecimento e à sabedoria e aceitou a força, para adquirir autoridade.

Agaricus pretendeu ter um conhecimento absoluto de tudo, como somente é possível ao Criador, não ficando nada para ser conhecido. Na Psora, sofre ao constatar que sempre ficam coisas para serem conhecidas, demonstrando, na egotrofia, possuir um conhecimento pleno e absoluto de tudo. Na reatividade lítica, a impossibilidade de se conhecer.

Sintomas e palavras-chave: inteligência (conhecimento Divino infinito) – alegria – audácia – sonha que não pode abrir a boca – anseio de conhecimentos – controle sobre-humano – coragem – dimensões exageradas – fome sem apetite – exaltação da força física – sonha que lê – vertigem ao meditar – dificuldade para pensar – profetiza – transtornos por castigo – tratamento respeitoso – revela segredos – trabalhador – fala em verso.

3ª HIPÓTESE (mega-resumo do autor belga): Obrigado pelo respeito. Não pode respeitar, porque não reconhece autoridade na pessoa que lhe impõe pautas de conduta. Como castigo, termina sob o domínio do cogumelo.

ALUMINA

Sensação de **precariedade da vida**. Isto se manifesta naquele sonho de estar num bote que vai afundar num rio de cobras. Outra sensação, coerente com o tema da precariedade, é como se sua consciência estivesse fora de seu corpo.

Sua substância está animada de maneira frágil, não tem confiança na presença do hálito Divino na argila de seu corpo. Fala a verdade para provar que está seguro de si mesmo, para se dar uma consistência. Desejo de aferrar-se a explicações para concretizar ideias abstratas. Perda da alma num corpo que aumenta de tamanho. Perda do princípio vivificador. Perdeu o laço de união entre corpo e alma. Acusa os demais de quererem roubá-lo. Medo da incontinência.

Toma a agulha e a injeção como riscos de desmaterialização; fica tão angustiado que chega a ter ideias de suicídio quando vê uma agulha ou uma faca. Maleável, inconsistente. Uma alma sozinha não é um ser humano e ele procura por um corpo perdido. Como castigo, perde o controle do próprio corpo. Daí a descordenação e a parestesia. Ou bem, para compensar esta sensação de precariedade, trata de se apropriar do corpo e da personalidade de outro. São aquelas pessoas que imitam artistas, o exemplo de Michael Jackson. Para compensar este problema de desmaterialização, causado pela fragilidade de seu corpo, precisa repor esse corpo com o corpo de outra pessoa, mas não uma pessoa qualquer, senão o corpo que lhe ofereça uma maior resistência; então escolhe corpos famosos.

AMBRA GRISEA

Meu resumo: Problema essencial está numa das duas ações do homem. S. Tomás disse que o homem tem duas funções: ensinar e reproduzir-se. O problema de *Ambr.* gira em torno do **ensinar**, da tarefa de mestre. Recusou a realidade do ensino, ou seja, **ninguém ensina nada aos outros, senão que desperta neles os elementos para**

reconhecerem o que intuitivamente têm em si. Ninguém dá a ciência a outro, só os elementos para que organize o que já tinha em si previamente.

Resumo de (ininteligível) – 1992 - Parece curioso; faz perguntas como fachada, porque não espera a resposta. Pula de tema em tema, não pára de falar, não escuta ninguém, solilóquio permanente. Ou ouve e arranca confidências de desconhecidos.

Embaraçado em sociedade. Durante uma conversa, treme sua cabeça. Não quer evacuar na frente de ninguém, por medo de ser assimilado aos seus excrementos. Ansioso por seu desejo ineficaz. Nada pode sair dele. Sente-se um dejetos.

Não suporta sorriso, riso, nem música porque são signos de relacionamento, enquanto ele sente-se fora do circuito. Quer mascarar sua decadência intelectual com suas perguntas e sua debilidade física. Como se forçado a reviver um passado desagradável (**Kent: Nat-m**, ao contrário, deleita-se com o passado desagradável).

Sonha que é maltratado e não pode defender-se por causa de sua debilidade. Já não tem seu lugar, ninguém o escuta. Enquanto que a luz Divina permite o trabalho de raciocínio para chegar ao conhecimento, *Ambr* quer chegar à força do espírito por sua própria luz, fechando fortemente os olhos. Já não pode ensinar, tendo perdido sua visão aguda. (...) o amadurecimento e a sabedoria que deveriam acompanhar a idade. Já não recebe o conhecimento nem pode explicar nada aos outros. Não mais capaz de compreender e transmitir. Recusa a união genérica de todos os humanos.

Suma Teológica Questão 117 Artigo 1º: “Um homem pode instruir outro homem produzindo-lhe a ciência?”

Discussão de outro grupo: Querendo definir o mundo segundo sua ideia, amarga-se ao sofrer contradições. Quer um mundo onde tudo seria bom, totalmente acabado, sem devir nem aperfeiçoamento.

Minha ideia é que o problema de *Ambra* é o problema **do ensino, da sabedoria a se transmitir** para os outros, **papel que corresponde aos anciãos** em todas as culturas. Então, como castigo, **deve ensinar sem o socorro da luz Divina**. Quis violar a lei que diz que ninguém ensina nada, senão que revela os mecanismos, para que as pessoas compreendam o que já tinham dentro de si de maneira pouco clara. Então, torna-se um velho, daí seu aspecto de **velhice precoce**, como castigo por querer ter a sabedoria dos velhos.

V. Menescal: Temas: sabedoria; falar; conversa; funções intelectuais; dificuldade para compreender; dificuldades para aprender; velhice; pessoas idosas; envelhecimento precoce; fraqueza e fadiga; cabeça e occipício; visão; luz; fechar olhos; música; < companhia; mãos; unhas; funções nutritivas: comer; trabalho; funções nutritivas: evacuar; estranhos; pressão; dilaceramento; ilusão de que possui conhecimento infinito? Fala tardiamente; ilusão de que deve aprender tudo de novo.

Quis ter a capacidade de compreender tudo sem que ninguém lhe ensinasse, quis ser sábio sem respeitar o processo humano de chegar à sabedoria, o que inclui o acúmulo de conhecimentos ao longo dos anos. Daí a imagem do velho prematuro.

Palavras-chave: ensinar; aprender; sabedoria.

Mega-resumo: Ensinar a aquisição do conhecimento.

Eu não acho que este seja o problema, ensinar a forma de se adquirir conhecimento. A transgressão de *Ambr* foi querer dar o conhecimento, dar a ciência, rebelando-se contra o verdadeiro papel da pessoa que ensina¹⁶.

ANGUSTURA

Hipótese minha de 1992.

Impressão de que é um medicamento que **não encontra no real nenhum objeto que o satisfaça**. Sua vontade está determinada pela escolha do objeto que a **imaginação** tem-lhe apresentado como bom, não o intelecto.

Não estabelece a escolha do objeto bom através de um ato humano, ou seja, através de uma decisão do intelecto, senão que escolhe o que lhe dita a imaginação. A imaginação substitui o papel que corresponde ao intelecto no processo do ato humano, por isso rejeita o concreto, o real.

¹⁶ **Pergunta:** Então, como fica a questão da “*tabula rasa*”? **Resposta:** [Acha que S Tomás errado na questão da *tabula rasa*]. Talvez poderia ser se S Tomás se referisse a Adão... Porém tinha ciência infusa: cadê a *tabula rasa*? Apesar da admiração por S Tomás, não posso negar a existência do inconsciente coletivo. A *tabula rasa* é um conceito correto desde o ponto de vista do intelecto consciente, mas a alma também tem um aspecto inconsciente, onde há conhecimentos herdados, de modo que o homem atual não é uma *tabula rasa*. Eu acho que quando S. Tomás fala de *tabula rasa* refere-se a Adão, porém até isto é discutível. Nas *Actas* escrevi que não devemos dizer que “o homem (atual) conhece o mundo”, senão que **reconhece** o mundo, pois já tem essa sabedoria, de maneira turva, que não pode manejar bem, que lhe vem como herança de seus ancestrais. O conceito de *tabula rasa* não se adequa aos fatos. Nem em Adão pode-se admitir a *tabula rasa* pois soube dar o nome a cada animal. O nome é um inteligível que exprime o objeto sensível. Adão tinha em seu interior o conhecimento do inteligível manifestado pelo sensível. S. Tomás se enganou na questão da *tabula rasa* porque não levou em conta aquela sabedoria inconsciente que incide sobre nosso juízo consciente e que chamamos de **subjetividade**. (ver explicação nas Palestras na APH 1999- Exemplo: a aversão a cebola do paciente de *Sabadilla* de Henrique).

Faz seus juízos de “bom ou mau” sobre um “**prejuízo**”¹⁷ subconsciente de sua imaginação, e não a partir do juízo sobre a **realidade**, que faz o intelecto¹⁸. A escolha é realizada pela faculdade **cogitativa** [da alma sensitiva], como uma substituição da razão superior pela razão inferior.

A vontade aceita este objeto imaginário, com o que se quebra o ato humano, pois o fim procurado não é o verdadeiro. Inevitavelmente, isto leva ao fracasso, não tem prazer neste ato humano viciado de origem. Quando chega à meta, não tem *fruitio*, o gozo no objeto que chegou a possuir. Porque não era o objeto verdadeiro, porque foi escolhido por um “prejuízo” imaginário.

Por exemplo, em minha problemática psórica primária, tenho o “prejuízo” de que o cavalo é bom. Mas não cheguei a isto através do intelecto, de um raciocínio. Impulsionado por esta ideia, procuro o cavalo e encontro que a realidade do cavalo é que me chuta. Então, pergunto-me, como é possível que isto, que era bom, me chute, seja mau? Isto deve-se a que a maneira correta para se estabelecer a posse de um cavalo é através da análise de suas características: para que serve? Qual é sua forma de ser? Qual é sua relação com as necessidades de minha vida? Pode servir-me? Isto é realizado pelo intelecto, e então, sim, vou procurar o cavalo, sabendo que antes de estar domado, não posso passar por trás dele porque vai me chutar. Mas se eu me guiar pelo “prejuízo” ditado por minha imaginação – porque o cavalo está em relação simbólica com minha Psora Primária – eu acho que tudo é bom no cavalo: não pode chutar-me.

Este **bater contra a realidade**, parece ser a problemática de *Ang.*

Uma outra coisa é a questão da **contingência** do raciocínio humano, [que nada tem a ver com a problemática de *Ang.*]: embora eu realize o juízo no nível intelectual, e não imaginário, posso errar. Porque as capacidades intelectuais do homem são limitadas (isso é o que nos obriga a aceitar a intervenção Divina naquelas coisas que não podemos concluir). O uso do intelecto não implica em **infallibilidade**. Mas o problema de *Ang.* não é este limite [ao raciocínio humano], mas age sobre a base de um preconceito total. *Ang.* não pára para pensar se tudo quanto acredita a respeito do cavalo é certo.

No **mega-resumo**: *Ang.*: ascender ao fim último com sua própria força.

¹⁷ NT: Jogo de palavras no espanhol entre “pre-juízo” (preconceito) e “prejuízo” (juízo antecipado).

¹⁸ NT: O que, eu me pergunto, se não é o caso de TODOS os medicamentos e enfermos, pois todos fazem um julgamento errado da realidade a partir do que surge da imaginação: não é isso a Psora? Teríamos que perguntar a Masi da próxima vez.

Não concordo. Talvez o que quis dizer, mas que ficou hiper-resumido, é que chegar ao fim último através de sua própria força significa chegar através de um conhecimento espontâneo a respeito de qual é o verdadeiro fim último, sem passá-lo pela busca intelectual raciocinada. Ou seja, um impulso para dizer “O fim último é X”. Poderia ser. Não ter a necessidade de empregar o intelecto.

Quase poderia dizer-se que *Ang.* invejou a quase infalibilidade do instinto animal. O animal não raciocina, mas dirige-se para o que corresponde.

ANTIMONIUM CRUDUM

O tema central de *Ant-c* parece ser a **bondade**. E constitui um excelente exemplo da fineza da metodologia. Porque a questão da bondade, também pertence a *Drosera*. Então, deve-se procurar a especificidade de cada um. *Dros* quis **ser a bondade**, *Ant-c* quer é **dar a bondade**, ser o doador de bondade.¹⁹

¹⁹ Por isso digo que, no estudo metodológico, não temos que ficar só com o **atributo**: há vários medicamentos que têm o mesmo atributo. O que se deve procurar é como o medicamento singulariza o mesmo atributo, ou seja, perguntar-se qual ponto específico do atributo valoriza. Por exemplo, o atributo da **providência**. É manifestado por *Calcarea*, *Bryonia* e *Gelsemium*. O que *Calc* valoriza da providência é o fato de **conhecer o futuro**. Ou seja, se pode ser providente quando se conhece o que vai acontecer no futuro. Daí que, na egotrofia, esforce-se para conhecer o que vai ocorrer. “Lê livros de medicina”, não sendo médico, porque um dos pontos que sente ameaçado no futuro é a **saúde**. E nesse esforço egotrófico por conhecer o futuro, chega a ser **clarividente**, que é uma potencialidade que todos temos. O que *Gels* valoriza da providência tem a ver com o fato de que o Criador é providente sem Ter a necessidade de passar pelo período de **atenção expectante**, “O que será que vai vir? Acho que pode acontecer isto, mas pode acontecer algo diferente do que eu aguardava.” Isto é coerente com a sintomatologia do medicamento, que se resume dizendo que *Gels* é a **má sentinela**. **Recusou** o aspecto fisiológico, do homem em relação ao futuro, de **ter que estar alerta**, prevendo não só que pode acontecer isto, mas também aquilo. E como pode acontecer algo que não tinha previsto, deve estar **pronto para a ação contra este imprevisto**. Como recusou isto, tem a sintomatologia somática, composta por todos os elementos que intervêm no estado de alerta. *Gels.* os perdeu: não pode nem ter os olhos abertos.

Há uma outra família de medicamentos: *Phosphorus* quis **ser o conhecimento**, ser a luz. *Calcarea phosphorica* quer **ser o anunciador da luz**, anunciar o conhecimento, transmitir a boa notícia.

Ainda está o exemplo de *Conium* e *Staphisagria*. Em ambos é marcante o sexual, ou seja, a geração, o **criar**. Mas *Con.* invejou o atributo Divino de **criação ex-nihilo**, i.e. algo a partir do nada. Para criar, Ele não precisa tirar nada de Si. Na sintomatologia de *Con*, tudo é **rejeição de ter a semente dentro**. Na mulheres, as sensações evocam a imagem do aborto; o homem tem a sensação de castração – o lugar onde está a semente para criar – e de emasculação – também cortam-lhe o pênis-. É a recusa a ter que por algo de dentro de si para criar. Conforme o mito das Amazonas. *Staph* também tem uma grande sintomatologia sexual, mas trata-se de uma **sexualidade sem objetivo criador**, é a **recusa da geração**, que é sexualidade, genitalidade pura. O outro pilar da patogenesia de *Staph.* é a questão da **dignidade**. Uma hipótese satisfatória tem que ligar dignidade e sexualidade. S.Tomás diz que o homem **alcança sua máxima dignidade** em duas ocasiões: quando está frente à morte e quando **aceita sua condição de ajudante do Criador no fato de criar**. Aqui se estabelece a diferença entre a temática parecida de *Con* e *Staph.* A criação está em ambos, mas os enredos são totalmente diferentes.

Possivelmente, isto de querer dar a bondade seja a egotrofia do medicamento²⁰, originada na **perda da capacidade de dar bondade**. Talvez, por isto de querer dar, é que não suporte ser tocado pelos outros, se encouraça, blinda-se, com as calosidades²¹. É uma espécie de ambivalência, de coisa bipolar: querer dar a bondade, mas **isolar-se dos outros**. É o exato oposto: não pode comunicar nada, porque se fecha.

Então, na sintomatologia, temos que valorizar os sintomas que mostrem o núcleo da perda: a sensação de ser incapaz de emanar bondade, de gerar bondade, de produzir bondade.

Sintomas: afeiçoado – amor extático – áspero com a família – sentimentalismo – belo – benevolente – boas ações.

APIS MELLIFICA

Tem sua problemática entre a **individualidade e a comunidade**. Quer que aceitem sua originalidade, uma exaltação do individual acima do coletivo. Recusa toda referência à unidade da congregação da qual deveria depender.

Numa palavra, impressão que sua falta foi **querer deixar de depender do enxame**. O normal da abelha é formar parte de uma unidade maior, constituída por muitas abelhas. *Apis* quis privilegiar o sujeito único acima da comunidade. É a imagem das pessoas individualistas, que rejeitam todo trabalho conjunto.

Não sei como chamar o atributo, mas o Criador não precisa de ninguém para trabalhar, trabalha por Sua individualidade. O homem tem que trabalhar em relação com os outros, dar e receber, formar um projeto conjunto com os outros.

BELLADONNA²²

²⁰ Neste mega-resumo, o que mais impactou foi a imagem egotrófica. Em algum outro medicamento pode ser a imagem psórica secundária, em outro a alterlítica.

²¹ Todos os medicamentos com calosidades, ao serem estudados em profundidade, são medicamentos que tem um **problema com o meio ambiente**, o qual, por diferentes motivos, resulta-lhes agressivo, ou não gostam dele, acham-no nojento ou têm medo dele. Então se blindam através dos calos.

NT: pergunto: problema com o meio ambiente não têm TODOS os medicamentos (Psora Secundária)? Não têm todos os medicamentos a possibilidade de fazer lesões hipertróficas engrossadas na pele? Haveria que perguntar.

²² Está cheio de sintomatologia parasita porque é um tóxico; as experimentações foram realizadas com TM ou dinamizações muito baixas. Como toda solanácea, é diabólica.

Para se limpar a Matéria Médica, é necessário constatar estabelecer a hipótese com os sintomas dos experimentadores ou procurar se, entre os intoxicados, há alguns com sintomatologia [mental] semelhante, pois alguns intoxicados podem ter sido pessoas suscetíveis à energia do medicamento.

Um outro problema para se limpar a matéria médica, são os casos onde o intoxicado era um experimentador *simillimum*. Neste caso, todos os sintomas de elevado valor são idiossincrásicos a pesar de Ter utilizado a

O estudo foi realizado entre 1989 e 1990.

Problema da **passagem da alma para a imortalidade**. Sonha que anda sobre um boi ou um navio, símbolos da paz e da sabedoria. Passeia-se, afundado em profunda meditação, mas sente-se condenado, possuído pelos demônios, temor que o levem para o inferno.

O resumo apresenta a hipótese de maneira muito comprimida: revoltou-se porque **não há homogeneidade na natureza do ato humano**, não pode agir na unidade por ser um complexo – corpo e espírito - e nesta condição, não pode achar a harmonia. Medo de apodrecer em vida é um cachorro. Desprezo por tudo em seu meio físico, “Como sou matéria, sou ruim”. Agiu contra a lei, colocando **sua sabedoria na frente da sabedoria Divina**, por isso foi precipitado no inferno.

Dá a impressão de que o problema é a **forma de alcançar a sabedoria, por uma espécie de negação da condição de ser complexo**. Um pouco a questão de *Anacardium*, a não aceitação da condição de composto substancial. *Bell* também se engana, ou ignora a condição de composto substancial, com a vivência angustiante de que alma e corpo são duas coisas diferentes.

Este problema de não ser homogêneo, de rejeitar a homogeneidade do composto substancial, está na raiz de sua **aquisição de sabedoria**: não utiliza as vias normais para chegar à sabedoria, senão que, na egotrofia, acredita que a sabedoria a que pode chegar, apesar de sua condição de complexo, é uma **sabedoria da mesma categoria que a Divina**.

CHELIDONIUM MAJUS

Recusa e, portanto perda, de **tomar-se a si mesmo como objeto de observação e conhecimento**. Para conhecer-se a si mesmo e para adquirir um conhecimento mais geral, um dos elementos que o homem precisa é a auto-observação.

substância no estado ponderal. É o exemplo de *Camphora*. A grande maioria da sintomatologia provém do experimentador 71 ou 76 de Allen, apresentada depois de tomar uma dose terapêutica de cânfora. Porque digo que é um exemplo típico de tóxico que por acaso encontrou um sujeito energeticamente *simillimum*? Por aquilo que fala Clarke, “Os homeopatas que se satisfazem utilizando *Camph* nos estados de colapso final, prescrevendo em potências muito baixas e em doses repetidas, nunca chegarão a compreender o grande medicamento que é quando utilizado segundo suas mais finas indicações [para Clarke, as mentais] em altas dinamizações e doses únicas”. Clarke Achou confirmação terapêutica deste delírio do experimentador 71. Porém, em muitos casos não temos esta confirmação, porém, nem por isso podemos rejeitar os sintomas mentais por provirem de uma intoxicação.

É chamado de “erva das andorinhas”. As andorinhas não têm objetivo, vão de lá para cá, parecesse que não sabem o que devem fazer. É a representação gráfica da perda do objetivo. E *Chel.* não tem objetivo.

CYSTUS CANADENSIS

A temática gira ao redor de **seus direitos legais**. “Fiz isto, portanto tenho que receber aquilo”, “Até aqui chegam minhas terras, o outro não tem porquê invadir meu terreno”. A intromissão no que acredita ser seu território legal. “Eu fiz meu dever, portanto, mereço, tenho direito a um trato justo, eu fiz minha parte”. Acredita que a ferramenta correta para se manejar na vida é o respeito ao direito, à forma (não ao fundo).

No resumo de V. Menescal: justiça, direito, limites legais, invasão dos limites legais, falta de respeito pelos limites legais, respeito aos limites legais, lei, legalidade.

O atributo é o da **justiça**, o **DIREITO PERFEITO**.

HELONIAS DIOICA

Procurando pela origem do castigo principal, marcadamente no nível somático, há um **sofrimento na potência locomotora**, fomos nos remontando até o motivo deste grande tema de **não poder fazer. Negando-se a fazer**, perdeu as possibilidades fisiológicas do movimento, da ação, de fazer.

Há sintomas que explicam a singularidade de *Helonias* entre tantos medicamentos castigados na locomoção. O que recusa *Helonias* é que **a mudança seja positiva**, que signifique um estado de maior perfeição que o anterior. Ele **acredita que já estava na perfeição**, então, para que mudar?²³

Pergunta: Por que Vip não quer a mudança?

Resposta: Porque no estado anterior estava **completo** como ser. A perfeição não se refere a seu **estado pessoal** senão à **posse** do que tinha antes. É lá que vê a perfeição.

²³ Portanto, tem o problema da negativa à mudança, mas por um motivo diferente do de *Vipera*. Esta é a forma de se trabalhar com a metodologia: pego *Helonias*, vejo seu problema de negativa ao movimento, a fazer. Pergunto: o que há no movimento que pudesse despertar a rebeldia de Adão-*Helonias*? Que o movimento significa uma **transformação para o progresso**. *Helonias* não admite que precisa progredir, sua vida já antes era um luxo, agora caiu numa espécie de inferno.

Não tem que abandonar o que **possuía** não o que ele **era**. Em *Helonias* parece que a perfeição era o que ele **era**, não o que possuía.

HYOSCIAMUS NIGER

Hipótese minha de setembro de 1992.

Tentativa de tornar-se a Divindade, que reina através da **ordem** sobre os rebanhos. Invejou a condição Divina de reinar através da ordem que impõe sobre os rebanhos, **através de sua eloquência e sabedoria**. – Dispõe em linhas os desenhos que vê nas paredes.

Sintoma chave: “Fala de um tema que ignora como se o conhecesse perfeitamente”.

Utiliza uma linguagem muito elaborada, refinada. Ele é grande, os outros são pequenos; os homens são porcos. Os objetos parecem animais, e também devem ser conduzidos (e não só os seres vivos).

Anseio por **conduzir, dirigir, ordenar** – por sua capacidade, sabedoria e eloquência – seres animados e inanimados. Com este desejo de ordenar e dirigir, priva os outros de sua liberdade. Conduz ou caça pavões.

Desejo de apropriar-se de tudo quanto vê. Avaro com sua família mas pródigo consigo mesmo. Agarra com **avidez** tudo quanto se lhe oferece. Agarra espectros, arranca as penas dos pássaros (para não deixar-se confundir pelas aparências).

Não pode amar mais que no momento imediato da **posse, incorporando-se ao outro** para conhecê-lo. Procura humilhar os orgulhosos. Procura seduzir, fazendo que acreditem em sua sinceridade (egotrofia mascarada). Ou seja, ou procura humilhar os orgulhosos ou seduzir, através da generosidade, àqueles que não acreditam em sua superioridade. E senão, sente o impulso de matar.

Insaciável no amor, porém ignora ou rejeita sua mãe (pareceria quase um ódio por seu Criador, aqui representado pela mãe, pois diante Dele sente-se estúpido, dependente e ingênuo). Dificuldade para conhecer o outro. Quer mostrar seus valores e não ocultá-los.

Grande desejo de liberdade, com temor a que se interfira nesta liberdade. Quer escapar, desveste-se, para negar o pudor, numa espécie de desafio exibicionista. Age na contracorrente. É como se a nudez retirasse os obstáculos para o conhecimento: não há mais um intermediário entre o objeto e ele. Como se enxergasse as vestimentas como um intermediário que lhe impede o contato direto com o objeto.

É injusto que aquele que tem o poder o utilize para si mesmo ou para aqueles que, *Hyos.* acredita sem valor. Utiliza seu poder através da rapidez e o espírito de seu discurso, negando aos outros este mesmo poder (que ele tem).

Temor que achem que é estúpido, de ser enfrentado, traído. Impressão de **que não se sente no primeiro lugar no amor do Criador**, quando quis que o Criador o tivesse no primeiro lugar de Seu amor. **Quis substituir a parte de fé de que o homem precisa, por um conhecimento certo: não ter que depender da confiança. Recusa ter que conhecer o Criador através da graça porque não se pode conhecê-Lo através da razão.**

Temor de ter ofendido às pessoas por ter falado a verdade crua. Ruptura em si mesmo. É um arlequim, um bufão, que quer encontrar a unidade, a coesão. Coração e peito rasgados em pedaços. Tem como um véu diante dos olhos.

Há aqui um caso clínico: uma criança com fimose, que curou com *Hyos.*, prescrito porque ela dizia: “Eu darei a ordem às pessoas para que leiam aquilo que eu escolher e controlarei que o leiam bem”.

KALI BROMATUM²⁴

É, também, um dos medicamentos com muito sentimento de **culpa**: acha que tem dólares escondidos, costurados no casaco, sente-se perseguido pela polícia, que roubou de amigos e familiares.

V. Menescal: Suma Teológica Q. 4 e 91. Somente o Criador é soberanamente perfeito, o homem goza de sua perfeição perfectível, tendo sido dotado pelo Criador de modo a compensar as imperfeições naturais de seu corpo. *Kali-br* vivencia sua natureza como não passível de aperfeiçoamento, tomando-a como irremediavelmente defeituosa, negando-se a utilizar os instrumentos de que é dotado para aperfeiçoá-la.

Palavra chave: Perfeição.

²⁴ Bom exemplo para se estudar como purificar a Matéria Médica. Não é uma patogenesia, não foram experimentadas potências, porém podemos montar uma hipótese porque há elementos com valor real de idiosincrasia embora sejam intoxicações. No passado, *Kali-br* usava-se como aspirina. Porém, a patogenesia não traz muitos casos. Ou seja, há uma suscetibilidade pessoal bastante especial, que não pertence ao fato tóxico. É um pouco o mesmo que o caso de *Camph*. Um outro fator importante é que diversos experimentadores (intoxicados) apresentam sintomas mentais semelhantes. Então, podemos concluir que estas pessoas eram **energeticamente sensíveis** a *Kali-br* e não meros intoxicados, porque os delírios não são diferentes (como seria o caso de uma intoxicação).

Parecesse ser um começo de hipótese, que teria **invejado a condição Divina de ser ato puro, de não ter que trabalhar nem aperfeiçoar-se, agir**. De onde surge esta ideia? De que como castigo, recebe uma espécie de **compulsão para fazer bobagens**, tem que fazer sempre algo **com as mãos**: amarra os cadarços, move-as dentro dos bolsos, sempre está fazendo algo besta, sem valor algum, **no lugar de utilizá-las** segundo o que indica nosso esquema referencial – e Hahnemann: **para a tarefa de melhorar as condições de debilidade nas que nasce o homem** a respeito dos outros seres criados. É o primeiro parágrafo da *Medicina da Experiência*²⁵ e a questão 91 da Suma Teológica: o homem é fraco, etc., não tem dentes etc... e para compensar esta fraqueza, o Criador deu-lhe seu espírito e suas mãos para criar coisas que compensem esta debilidade. Poderia ser este o problema de *Kali-br*, não querer aceitar esta obrigação de ter que utilizar o espírito e as mãos para suprir as deficiências de seu nascimento.

KALI CARBONICUM

É outra hipótese que deveria voltar a estudar, porque não consegue me satisfazer, embora não esteja mal.

Kali-c **quis ser espírito puro, recusando o apoio em seu corpo** e nos outros. Quis ser espírito puro, desprezando o apoio de seu corpo. Na sintomatologia, expressa que não quer ter um corpo de carne, acha isto pouca coisa, **como castigo, perde seu corpo**: está cheio de ar, água. Ou seja, no lugar do corpo que corresponde, tem um corpo de outra matéria ou bem, diretamente, a sensação de que seu corpo é oco, nada tem dentro, não tem consistência. Oco, incorpóreo, desmaterializado, não tem mais carne, ou está cheio de ar, água...

Possivelmente invejou a **incorporalidade**. Mas tem que ser revisada, porque é uma hipótese superficial. Parecesse um pouco o assunto da questão 14 artigo 4 da Suma: O conhecer do Criador é Sua própria essência? Parece que este problema da substância é o que preocupa a *Kali-c*. Recusa o fato de que seu corpo, longe de ser um inconveniente para o conhecimento, é uma ajuda para o conhecimento, pois como ser humano não pode conhecer sem corpo. Quis conhecer com o intelecto puro, de maneira direta, sem a intermediação do sensível.

Isto parece afirmar-se em toda a sintomatologia de *Kali-c* nos **sentidos externos**. É seu castigo: recusou o fato de que o corpo é necessário para conhecer, porque como homem, não é intelecto puro senão que é uma forma de intelecto unida à matéria, então,

²⁵ NT: Suponho que o professor quis dizer “Esculápio na Balança”

quando quer utilizar os sentidos, sente dor, lhe fazem mal. Isto confirma a ideia de que há uma semelhança nas famílias de medicamentos, porque em *Kali-n* vemos o mesmo.

KALI NITRICUM

Também é incomodado pelo corpo, também quer ser espírito puro, mas não por se recusar a utilizar os sentidos externos senão que parece que **quis conhecer as coisas em sua essência e criar por sua só vontade**. Recusa-se a Ter que **transformar as coisas de fora para poder utilizá-las**.

Fazem-lhe mal os alimentos mais simples, o pão e a carne. Parece que se recusa a transformar essa coisa estranha em sua própria substância, não gosta que aquilo que engole transforme-se em sua carne. É um pouco a mesma coisa: a recusa do corpo, querer ser puro espírito, “se tenho corpo, tenho que realizar transformações” assimilar, e não quer fazer isso, nem no mental nem no físico.

KALI PHOSPHORICUM

Acho que sua problemática está num plano mais elevado que a dos outros Kalis, porque o castigo é **debilidade intelectual e falta de resistência do corpo**. Parece que quis possuir o **intelecto agente Divino** e, portanto, não precisar da ajuda do Criador para pensar. Não quer estar sob a dependência do conhecimento de outro. Isto parece justificar sua sensibilidade às más notícias, porque não são algo que ele já tivesse estabelecido antes senão que é algo que o surpreende, não pode aceitar que ele não tinha antes o conhecimento.

Acho que todas as Kalis têm problema com o **intelecto agente separado**. Temos um intelecto passivo e um intelecto agente, mas esse intelecto agente depende da iluminação do intelecto agente separado, que é o Criador. Se esse intelecto agente separado – o Criador – não nos iluminar, nosso intelecto agente não funcionará bem.

Então, pareceria que *Kali-ph* inveja a condição do intelecto agente separado: poder iluminar ele todo mundo – o que não é raro porque é um fosfórico: tem sua parte da família das Kalis, no desprezo do corpo, a debilidade do corpo, não querer depender do corpo; e tem sua parte da família dos fosfóricos, o problema do conhecimento, porém referido – pela sintomatologia – à função do intelecto agente.

Esta problemática é resolvida na questão 79 artigo 5 da Suma: “É que não há mais do que um só intelecto agente para todos os homens?” Muitos filósofos achavam que o intelecto agente não pertencia a cada indivíduo senão que havia um só intelecto agente para todos. E, de fato, há o intelecto agente separado, que é o Criador, que é o mesmo para todos, mas entre esse intelecto agente separado e o intelecto passivo está o

intelecto agente individual, que deve colaborar com aquilo que lhe brinda o intelecto agente separado, a “luz da glória”. Este é o problema de *Kali-ph*: **quis ser o intelecto agente separado.**

KALIS NO MEGA-RESUMO:

KALI-N : Não ter necessidade de transformar o alimento em sua própria substância.

KALI-PH : Intelecto agente separado.

KALI-C : Quer que sua substância seja o conhecimento.

LAC-CANINUM

Eu não participei desta hipótese.

Um elemento central é o terrível **desprezo por si mesmo**, sente-se desprezado por todos, sente que o olham de cima, sente-se pequeno, sente-se cair em pedaços, sujo, lava-se constantemente as mãos, imundo, repulsivo, mantém os dedos da mão separados para nem tocar-se a si mesmo. Não tem as qualidades dos outros: isto justifica seu desprezo por si mesmo. **Rejeita sua matéria**, entretanto a matéria o individualiza. O profundo desprezo por si mesmo, origina-se em sua crença de que **não poderá cumprir seu dever.**

Eu não vou me comprometer com esta hipótese. Aceito a questão do desprezo por si mesmo porque está na patogenesia, especialmente em relação a seu próprio corpo. Mas uma conclusão exige maior estudo.

MANGANUM

Duas hipóteses da associação francesa das quais eu não participei.

1) Quis ser ele sozinho o ator da reconciliação. Perdeu todos os meios para receber ou aproximar-se do outro. A reconciliação só depende de mim.

2) Quer conhecer os futuros contingentes. Sofre por tudo aquilo que muda, enquanto ele quer que seu conhecimento não mude para se assegurar sua visão do futuro, excluindo a possibilidade que aconteça algo desconhecido ameaçador. Seu conhecimento permite-lhe ver toda a eternidade e seria imutável ou bem, as circunstâncias estariam fixadas e os acontecimentos não mudariam constantemente, portanto, ele poderia conhecer tudo antecipadamente.

Suma questão 14 artigo 14 e questão 15: “O Criador conhece os futuros contingentes?” “A ciência do Criador está submetida à mudança?”

Um ano mais tarde voltaram a estudar, e acrescentam que: “não quis ser tocado pelo mal, não deposita confiança na Providência como proteção, porque pensa que a

Providência não impede que o mal chegue, portanto, sente que só conta consigo mesmo, seu conhecimento e sua força. Rancor contra o Criador, e afasta-se porque pensa que o mal existe, acima e a pesar da Providência”.

Dependente das causas segundas e sempre suscetível de estar na presença de um mal, acha-se traído, ser mestre de seu destino, ter nele o ordenamento Divino do reencontro.

Suma questão 16 artigo 4: “O destino, é o ordenamento das causas segundas em relação com os efeitos preparados pelo Criador?”

Eu não discuti este medicamento, portanto não opino, mas vejo que também aparece a problemática da **mudança**. E também aparece o tema da **providência**.²⁶ Rebelou-se contra uma **providência que não impede que o mal aconteça**.

V. Menescal: Não aceita a existência do mal no mundo. Seu sofrimento pode ser resumido da seguinte maneira: sente-se **permanentemente ameaçado pelo risco de ser pessoalmente atingido pelo mal**. Pensa constantemente no mal. Teme receber más notícias. Imagina que o futuro reserva-lhe apenas infortúnios. Pode defender-se se mostrando o bastante forte como para não se deixar atingir, capaz de (inaudível) o futuro para se prevenir. Ou o contrário, aceita como inevitável a condição de ser vitimado pelo mal.

Aí que está o problema com a providência. Mas não está na primeira linha, senão que o mais importante é a **existência do mal como entidade em si e não como provação do bem**. E em segundo lugar é que está o problema da providência: onde está a providência se não impede que o mal aconteça? É um tanto maniqueísta: existe o bem, mas também existe o mal como entidade independente, autônoma e não como simples privação do bem.

OLEANDER

A hipótese data de há 20 anos, com a metodologia primitiva. O mais impactante na sintomatologia era o **desejo de beleza**, de harmonia física.²⁷ Hoje, que temos percebido a importância da linguagem, a palavra que melhor define o matiz de *Oleander* não é beleza senão **estética**, pois algo pode ser estético sem ser belo.

²⁶ Por isso falo que não podemos ficar no atributo, senão que temos que procurar pelo matiz. O que recusou da providência? Qual é o valor da providência? Qual é o elemento da providência que lhe interessa?

²⁷ A hipótese não devia ser tão ruim porque permitiu curar uma égua de corridas (ver o caso nas Palestras APH 1999)

O estudo com a metodologia aperfeiçoada que aparece neste resumo diz: Espírito vazio quando quer se concentrar. Perdeu o conhecimento, o conhecimento da harmonia da criação. Eu insisto em substituir a palavra “harmonia” – que nos faz pensar em *Nat-c* – pela palavra **estética**.

Aquilo que faz de maneira espontânea anda, resulta melhor que aquilo que se esforça para fazer. Quanto mais reflete, menos compreende. Parece a imagem de Dédalo, encerrado em seu labirinto. Sonha com voar (o que pode ser identificado com fazer planos) e volta a cair, esgotado, na água. Não tem mais do que construções intelectuais para alcançar a luz que busca. Não pode entrar no real através da reflexão. Quer tornar-se o Criador pelo conhecimento intelectual que Ele tem. Diante do fracasso, refugia-se na fantasia, e contempla sua própria criação imaginativa. Não tolera o desprezo, porque se sente miserável por não possuir o conhecimento do belo, ao qual aspira.

Na prática: a **estética**.

O remédio que surge como diagnóstico diferencial é **Graphites**: também tem essa coisa interior que o leva para a **construção perfeita de jardins muito belamente desenhados**.

Pergunta: Qual é a relação entre estética e reflexão?

Resposta: Parecesse que o problema intelectual de *Oleander* fosse secundário, é gerado por sua contemplação do que é estético ou não estético, e então começa a achar que é seu defeito não poder compreender o que é estético. O que comanda tudo é o estético: “eu não compreendo o estético” ou “ não consigo ser bem sucedido para organizar esteticamente o mundo”. Então começa a questionar que aquilo não é real senão o produto de sua deficiência, de sua capacidade para compreender. Duvida de seu bom juízo, no sentido de avaliar o que é ou não estético. O problema intelectual é secundário, aparece quando bate com a realidade: “Isto aqui me incomoda, mas não incomoda aos outros, portanto, isto é estético, mas **eu acho** que é antiestético, **sou eu** que não compreende”.

PALLADIUM

Importância da **opinião dos outros e sua aprovação**. Quer um cortejo de pessoas a seus pés, adora o conjunto das pessoas sempre que o **adulem**. Brilhante em **companhia**, que ele procura. Esgotado depois de tantos esforços por mostrar seu valor.

Não aceita a pobreza inerente ao amor (inaudível) de presentes.

Que seja bom com o agir. Paciência só com as crianças, porque o adulto é admirado de praxe. As crianças não o subestimam, não o insultam, porque ele é grande. Busca vã de sua corte. Vaga pelos prédios e escadas vazios. Sente-se vazio. Um animal morde-lhe o intestino. Se **não recebe do exterior a imagem de sua beleza interior, da qual tenta convencer àqueles ao seu redor.**

Sem consistência interior, abandonado. Os olhos de carne não podem enxergar a beleza da alma. O castigo merecido (calma?), que o faz pensar tranquilamente na morte.

Em minha opinião, a chave para se conhecer *Pall* é que **ele sabe que o estão adulando, que os outros não acreditam, realmente, o que lhe falam.** Mas ele está contente: sua satisfação é ser adulado, saber que o que falam é só da boca para fora. “Eu sou uma porcaria, mas me faz muito bem que os outros acreditem que não sou uma porcaria e me falem isso, me exaltem”.

Essa é a falha profunda no raciocínio de *Pall*. A imagem gráfica do esteréotipo está em Margaret Tyler: *Palas Atenea* adorada por seus súbditos. O feliz *Pall* em sua egotrofia.

PETROLEUM

Falsa conclusão da **imaturidade** de si mesmo e dos outros. Queria ter chegado já na perfeição, despreza o estado de potência por querer estar já em ato. Sensação de que há pouco tempo para terminar sua tarefa. Acha injusto ter que trabalhar para chegar ao que quer.

Quis ser ele mesmo a fonte de sua diferença com o outro, em vez de aceitar que foi criado diferente, que a diferença não é a obra de seu trabalho. Não sabendo quem é, por este problema da diferenciação, não tem mais sentido da orientação, não pode reconhecer seu caminho.

Procura tornar-se o Criador fazendo ele mesmo seu próprio projeto, não aceitando o papel Divino na determinação de seu destino. Quer ser ato puro onipotente.

Sintoma que confirma a hipótese: não pode abandonar o tema do qual fala. A diferença com *Zinc* é que atribui esta impossibilidade à **falta de força.**

PHOSPHORIC ACIDUM

Meu resumo. Recusou aceitar a existência de **mistérios.**

Há dois tipos de mistérios:

- 1) Mistérios que podem ser compreendidos e explicados por uma pessoa muito inteligente. *Ph-ac* atreve-se a explicar este tipo de mistérios.
- 2) Mistérios que não podem ser explicados nem pelo mais inteligente dos homens.

Ou seja, a diferença está no tipo de revelação: há uma revelação do Criador para ajudar às pessoas, que por si mesmas não podem compreender esse mistério aparente, mas que pode ser explicado por um homem privilegiado. E há a Revelação, com maiúscula, para fazer que o homem compreenda algo que necessita, mas que, não importa quão inteligente seja, não pode compreender por si mesmo.

Guy Loutan – 1990 – À medida que *Ph-ac* se afasta, nostalgia e sensação de não estar em seu país de origem, onde reinava a perfeição e o amor, a segurança e a resposta imediata a suas perguntas.

Quis roubar a paternidade do Criador, ser o responsável pela humanidade. Assegurar-se seu futuro como se gozasse da providência Divina.

Sofre a desilusão a respeito do que descobre, porque não tem o conhecimento e, portanto, inventa a resposta (aos mistérios) e então diz que se sente a causa do defeito daqueles mistérios que estaria encarregado de revelar. Perde a capacidade de conhecer comparando, tendo desejado conhecer imediatamente, sem distância, tempo, espaço, prazo, trabalho.

Se o filho tem que se tornar pai, deve ter um lugar de onde partir. Separando-se de seu pai, para tornar-se ele mesmo pai, toma a responsabilidade pela humanidade inteira e separa-a do Criador. Acredita que o pai negou-o, quando não lhe deu a revelação. Está separado do Criador, assim como ele está separado quando parte (vai embora). Quanto mais anda, pior vai; quer voltar, quer sair de novo.

Deve afastar seu relógio para poder ouvi-lo (ou seja, necessita aceitar a distância). Este sintoma poderia pertencer ao 6º núcleo: obrigação de aceitar os distanciamentos, que não doem. É isso o que deveria fazer e não quer. Retorna a si mesmo, apresentando-se não como filho senão como escravo do pai. Desiludido; é enganado; enquanto ele queria confiar nos outros. As respostas para suas perguntas não são o que aguarda. Clarividência na egotrofia. Intolerância a que o conheçam completamente. Sente-se traído se falam diante dele. Capacidade de conhecer de maneira direta, não humana.

Medo da enfermidade. Avareza. Burlam-se dele. Perdeu a alegria pela confiança enganada. Preocupado com os outros, melhora em companhia. Respostas antecipadas para que não haja mistérios.

V. Menescal - Palavras-chave: conhecimento; mistérios; revelação.

Problema com o conhecimento. Parece ter invejado o conhecimento dos mistérios, das verdades às que só se tem acesso quando reveladas pelo Criador. Conhecimento inacessível ao intelecto humano, só acessível através da revelação. Na egotrofia, tem resposta para tudo; não há mistérios. Conduta lítica: é impossível conhecer. Os mistérios são impenetráveis ou nega-se a realizar qualquer esforço intelectual para entender os mistérios.

PLUMBUM

Seu tema é **o proibido, a interdição.**

Diagnóstico diferencial: medicamentos com o tema **limites:**

- *Kali-bi*: **ultrapassa** os limites de seu redor; desejo de sair de seus limites.
- *Cannabis indica*: **negação da existência de limites**; o único limite está no infinito; perde seus próprios limites; fora de sua dimensão.
- *Silicea*: não aceitou os **limites da constituição humana.**
- *Cactus*: não aceita o caráter limitado de sua **manifestação** (sua expressão) de amor.²⁸
- *Cistus*: o **Direito** regula os limites.
- *Ranunculus bulbosum*: Tudo aquilo que limita representa **aflição dolorosa.**
Plumbum: o limite estabelecido pela **lei (interdição)**

PULSATILLA NIGRICANS

Nunca revisei esta hipótese, que fiz naquela primeira etapa, quando considerava o núcleo do momento histórico. A hipótese não nasceu de um fato comprovável nos escritos bíblicos, senão de uma lenda que conta que quando Eva foi comer a maçã, Adão estava dormindo. Isso não está no Gênesis: o Criador fez dormir Adão para tira-lhe a costela.

Foi assim que suspeitei a hipótese metafísica, acima deste **abandono** de Eva a respeito de Adão dormido. O homem dormido é o mais parecido a uma criança: a mulher teria que Ter ficado cuidando do sono de Adão e não ir conversar com a cobra.

²⁸ Em Guy Loutan: Vive o tempo todo no futuro. Faz as coisas, mas é necessário que a decisão de fazê-las venha de si mesmo. Ama os cumprimentos, mas só quando finalizou a tarefa. Aliás, se for olhado enquanto trabalha, abandona a tarefa (sente-se controlado pelos outros?). E assim a planta só abre suas flores pela noite, quando ninguém olha. A respeito dos limites, estes se referem à sua capacidade de **manifestar**, de **mostrar** amor.

Vê-se uma atitude de abandono. E o castigo foi que *Pulsatilla* **sente-se abandonada**. Pois abandonou e agora a abandonada é ela.

Na egotrofia, é a imagem da mãe super-protetora. Exerce sua super-proteção no **aspecto afetivo**, o que estabelece a diferença com a outra mãe super-protetora, *Natrium muriaticum* que super-protege no sentido da **conservação** do filho. A típica “*ídische mame*”: “Coma, se você não comer, eu vou morrer!” *Puls* não privilegia a conservação senão o **afeto, o amor**: “Você não me ama!” Acho que a hipótese é satisfatória, mas não me satisfaz sua justificação metodológica.

Aqui, os franceses têm privilegiado o sintoma 1141 de Hering: “Tanto silêncio em sua cabeça e tudo é vazio ao seu redor, como se ela estivesse sozinha na casa e no mundo. Não quer falar com ninguém, como se não se lhe afetasse os que a rodeiam. Ela não pertence a pessoa alguma. (É uma solidão horrível!). O outro sintoma, é o 1142 de Hering: “Não é indiferente às coisas externas, mas não quer presta-lhes atenção”.

Concluem que *Puls* teria desejado não ter que emanar de pessoa alguma, como o Criador, não retornar nem pertencer a pessoa alguma. Tem que negar seu ao redor, não envolver-se naquilo que a rodeia. O outro não é mais seu amigo, alguém que ajuda, que revela as coisas e a complementa senão que é um inimigo. Daí o “medo aos fantasmas ao entardecer”.

Aborrece o sexo e às mulheres, que podem ser nocivas para sua alma. Quer jogar o homem fora de sua cama. Grande vergonha pela nudez e do outro sexo (...) por medo da opinião dos outros. O sexo complementa; isto o faz sentir-se confuso: não consegue dar nome a coisas e pessoas. O outro já não lhe dá a vida. O sopro dos outros, que deveria animá-la, a sufoca. Eu arrisco pertencer ao outro por meu desejo de (...) recuso a entrega.

Inquietude como se tivesse descuidado seu dever. Preocupada pelos afazeres domésticos. Seduz através da submissão e a gentileza, possui os outros, porque quer guardar tudo para si. Sente que não pertence a pessoa alguma, porque ela rompeu o relacionamento, incluindo os animais (sintomas das abelhas, cachorro preto). Está (...) da metade que lhe permite ser inteira. Quer amar como o Criador, unificando tudo em Sua simplicidade. Quer mostrar que tem bem conseguido seu lugar.

Tudo se decompõe. As coisas não têm união, nem ela mesma a tem com nada.

Não tenho certeza que isto seja desta maneira, acho que a primeira hipótese é mais explicativa. Porque o sono de Adão também permite explicar o *Pulsatilla*-homem.

Pulsatilla-mulher tem essa culpa do abandono de Adão. Adão acorda e vê que a mulher foi falar com o demônio em vez de cuidar dele: é outra vez abandonado.

A primeira hipótese privilegia a questão do **abandono**, do **afeto**, sobre todo no sentido de **descuido, negligência, proteção**.

SABADILLA

Sua palavra chave, porém muito geral, pois também abarca muitos outros medicamentos, é a **recusa do corpo, do vegetativo**. Recusou-se a aceitar seu corpo, no aspecto do vegetativo e dos sentidos para cumprir a tarefa superior de pensar.

No resumo: Pensamento puro sem corpo.

Diferença com *Kali-c*: ambos têm a questão da **negação do corpo** como algo bom e necessário. O matiz de *Sabad* parece ser **o corpo como instrumento do conhecimento** e o de *Kali-c*, a recusa da **constituição corporal**, pelo fato de ser feito de carne, não a recusa do corpo por algum outro motivo, como *Sabad*, que recusa o corpo porque **quer ser como os intelectos puros** (anjos, o Criador). *Kali-c* está preocupado com sua carne, não com o conhecimento.

SELENIUM

Guy Loutan²⁹: A ideia chave da transgressão de *Sel*. é a **força inesgotável**. Quis uma força sobre-humana inesgotável. Não quer fazer nada, aguarda que todos seus desejos se realizem no mais além e, enquanto isso, procura suportar o presente.

A força de desprezar os atos simples, para ascender rapidamente, sem trabalho, à contemplação, cai num tipo de contemplação vegetal: só pode contemplar plantas, e não as coisas que convém ao homem. Medo do sol, que faz crescer as plantas, pois o lembra de que é necessário se passar por um crescimento para poder se chegar à verdadeira contemplação humana.

Sonha com um Paraíso, ao qual queria retornar, mas não tem a coragem suficiente, e justifica-se dizendo que é outro quem lhe impede. Lembra no sonho o que esqueceu durante o dia. Sonhos: o que esqueceu; históricos; estar no espaço; diferença entre excitação e prazer... que manifesta a forma especial de **impotência** de *Sel*.

Não quer fazer, quer que outros façam por ele, mesmo o que sabe bem. Medo de agir no real. Capacidade de agir aniquilada. Não pode despertar, dorme como morto.

²⁹ Eu não participei desta hipótese.

Vamos assumir que isto esteja certo e que a chave de *Sel.* seja: **ESTAR NUM ESTADO DE ESPERA CONTEMPLATIVA, SEM QUERER AGIR PARA COMPROVAR O QUE CONTEMPLA.** Quer que lhe sirvam tudo de bandeja.

Se a hipótese estiver certa, temos que ver qual será seu aspecto egotrófico, quando negar sua **perda da capacidade de agir**. Vai procurar demonstrar força, capacidade para chegar à comprovação, sem estar reduzido a um estado contemplativo. Porque o que **perdeu foi a capacidade de passar da contemplação** – que lhe permite concluir se o objeto é bom ou mau – **para a ação** concreta, a partir desta conclusão.

Portanto, na egotrofia vai demonstrar o exato oposto: não vai ficar aguardando que o ajudem em nada, vai desconfiar da potência dos outros para ascenderem à conclusão da contemplação, exibindo um agir permanente, demonstrando **potência**.

PALAVRAS-CHAVE: CONTEMPLAÇÃO – AÇÃO

SILICEA TERRA

Quando descobre que tem os limites intelectuais e físicos humanos, percebe que não pode **apoiar-se** em si mesmo senão que está obrigado a se apoiar nos outros. Daí o desejo de ser acariciado, magnetizado, acompanhado etc.

Rebelou-se contra os **limites constitucionais humanos** [próprios da condição humana]. Sua meta não pode ser alcançada pelos meios de sua própria constituição, de seu instrumento limitado e imperfeito, sobre o qual ele acreditou que poderia apoiar-se. Perde a confiança em si mesmo, coisa que não pode aceitar.

Inveja a homogeneidade do Criador. Recusa ser composto, porque corre o **risco de se fragmentar**, tem medo de que achem seu ponto de clivagem e seja fragmentado. Aí temos a imagem do cristal fragmentável, que uma **agulha** pode fazer estalar se o tocar num ponto preciso.

Na egotrofia apresenta-se como um **falso duro**: ostentar uma capacidade de resistência, como compensação de sua sensação de fragmentação, de coisa que pode vir a se esfarelar de repente. Isto nos lembra do mineral, que já foi muito duro (machados de sílex) e hoje é algo que se esfarela. Na egotrofia, encontra o apoio contra essa limitação em si mesmo e no apoio dos outros.

STANNUM

Em **Guy Loutan**: Os outros não têm seguido suas diretrizes. Ansiedade quando tem que dar ordens ao pessoal doméstico, porque não seguem perfeitamente suas ordens. Persegue permanentemente à empregada para lhe dar ordens.

Maníaco. Perdeu a capacidade para organizar no tempo e no espaço. Sonha com acontecimentos terrestres importantes, mas não são os meios bons para se alcançar a beatitude. Questão 22: a Providência Divina. O sono é o único momento de repouso possível. Fracasso em seu desejo de prever, de assegurar o porvir através de seus próprios meios. Quis ser dono do destino e do futuro por sua organização. Quis alcançar a beatitude por sua só reserva. Pensou que tudo (...) de sua possibilidade de organizar os meios, quis ser a Providência, como causa organizadora.

Não há mais paixão de amor nem direito ao prazer se o futuro não estiver assegurado. Não pode viver o presente. Quis prever de tal maneira, que uma horda de ideias impede-lhe trabalhar. Não pode perseverar. Sensível às críticas sobre sua gestão. Descuida o trabalho, comprometendo o porvir. É tão responsável por tudo, que perdeu os meios, não sabe como fazer para cumprir esse exagerado sentido da responsabilidade. Foi castigado com a perda do que devia proteger (através desta previsão).

É um econômico que não corre riscos. Prefere a caixa de poupança que a bolsa de valores, pois a providência é uma parte da prudência e faz disto seu trabalho. Imagem semelhante a Júpiter.

Diagnóstico diferencial: *Bryonia*. Esta mesma preocupação com o futuro, *Bry* a resolve **tomando precauções**. É um precavido, não um organizador. (Exemplo do paciente *Bry* que nem podia imaginar que seus negócios fracassassem. Cf 1999). Acho que está bem. A **providência consegue cumprir seu objetivo através da organização**. Organizar para prever.

Pergunta: É parecido com *Ars*?

Resposta: Em *Stann* a questão é **dar ordens, organizar os outros, a finalidade da organização é a prevenção de males futuros**. Em *Ars* a coisa é mais geral, dá a imagem de organizar, mas junto tem a imagem do **desgraçado**, o condenado. O acento não cai sobre a organização senão em sua **responsabilidade** na organização, o diretor do que se deve organizar. *Stann* está preocupado porque se não organizar bem as coisas, o futuro será ruim. *Ars* tem uma responsabilidade muito maior, porque não é só questão de organizar senão de **ensinar aos outros** a importância de manter a ordem. A frase chave é **inveja do governo Divino**.

Pergunta: *Aconitum*, com suas premonições, não é também diagnóstico diferencial de *Stann*?

Resposta: Não. O problema de *Acon* é com o mundo, **o mundo é um lugar horrível**, perigoso, só aguardam desgraças, não quer entrar no mundo. Por isso a mulher *Acon* tem medo do parto: significa trazer alguém para este mundo, que é horrível. É claro que o futuro pode trazer coisas horríveis, mas a questão é bem diferente em *Acon* e em *Stann*.

Pergunta: tema do **obstáculo** em *Verbascum*, *Digitalis*, *Iodium*, *China*?

Resposta: O tema do obstáculo **não aparece em nenhum destes medicamentos**³⁰. Em *Iodium* há a questão de que sente um **impedimento**, algo que impede sua ação. É um impedimento geral. *Digitalis*: obstaculizado na possibilidade de **realizar seus projetos**. Faz projetos, mas não pode realizá-los na prática porque **se negou a cumprir o projeto que o Criador tinha para ele**.

Na Simbologia bíblica explica-se que são **duros de coração** aqueles que se negam a cumprir o projeto que o Criador tem para eles. Isto explica, também, o organotropismo de *Dig* pelo coração. E, aliás, *Dig* tem sintomas que lembram os sintomas da fimose: e a simbologia explica que estes homens duros de coração também são chamados de homens de **coração não circuncidado**.

Verbascum: não lembro. *China*: também a questão dos **projetos não cumpridos**, mas não lembro qual é seu obstáculo.

Pergunta: tema da **pureza** em *Kali-c* e *Hepar sulphur*?

Resposta: O tema da pureza não é característico de *Kali-c* senão de *Hepar*, todo seu problema é a **pureza**, a necessidade de purificar-se, purificar através do fogo.

STRAMONIUM

Problema da **imobilidade**. Poder ir até o objeto sem ter que mover-se, identificando a máquina e a vontade. Quis como a Divindade, estar em posse do objeto sem ter que esperá-lo, recusando o trabalho progressivo que leva até o objeto³¹.

³⁰ NT: Dá a impressão que o professor Masi procurou por isto em Guy Loutan.

³¹ Tudo isto é incompreensível para quem não entende, porque em todas estas conclusões está o estudo dos aspectos da Suma Teológica, onde se especifica como é que se vá até o objeto, como se espera o objeto. Quando isto não é explicitado e fica resumido desta maneira, as pessoas não entendem nada. Fica a impressão de que colocam estas coisas arbitrariamente.

Quis criar seu próprio mundo, com suas próprias leis. Quer amar como conhece: interiorizando o objeto conhecido, enquanto a união afetiva não implica na união efetiva³². Falta de desejo de conhecimento intelectual. Daí resulta (dispersão?) de seus próximos, de seus membros, o que o torna inconsolável. Já não tem unidade, nem consigo mesmo nem com o Criador. “O umbigo desgarra-se”. E ele está no (inferno?).

Não forma parte de um conjunto harmonioso porque não quis seu papel de respeitar a lei. Há sempre uma coisa qualquer que lhe impede (ler ou ver?). Falta-lhe a estrutura, a harmonia, está todo em pedaços. Torna-se animal em seu desejo de conhecimento Divino, porque pretende ver como o cachorro, que pode marchar com certeza na escuridão. Numa palavra, invejou a imobilidade do Criador, a partir da qual recebe tudo.

TARAXACUM

Não sei se a hipótese é satisfatória, mas toda a sintomatologia está encadeada com um sintoma muito curioso: “Irresolução e aversão ao trabalho, porém pode continuá-lo sem dificuldade depois de tê-lo começado”. O problema de *Tarax.* é **começar**; uma vez que começou, não tem problema. É um indolente que é eficaz uma vez que assumiu a tarefa. Seu sofrimento é o esforço do começo.

V. Menescal: Não pode repousar nos fins, não acha satisfação nos fins, nem quando os obtém. Talvez seja por isso que nem quer começar, pois nem que chegue, poderá gozar do obtido.

O atributo pareceria estar na **bem-aventurança**, na questão V artigo 5º da Suma Teológica, onde S. Tomás pergunta **se o homem pode adquirir a beatitude através de suas forças naturais**. Obviamente, a resposta é negativa, e contra isto é que se revoltou *Tarax.* Seu drama desencadeou-se quando acreditou que podia obter a beatitude, o fim último, através de suas próprias forças e não conseguiu chegar. Aí começa sua problemática com o trabalho a ser desenvolvido, a falta de satisfação com o objeto obtido.

No **mega-resumo**: Ascender ao fim último sem trabalhar.

THUJA OCCIDENTALIS

O que parece ser o centro de sua dinâmica é a profunda convicção de que **seu pensamento é pecaminoso** e que, como castigo, vai receber a **morte**. Daí toda a sintomatologia: ser submetido a uma expiação, ser internado, tratado rudemente, tudo

³² Isto é de uma escuridão atroz!

isso para castigar esse enorme pecado que tem: seu pensamento mesmo é seu pecado. Isto determina uma **debilitação da função do espírito**, do nível superior, **de manter o corpo**, daí a noção de **fragilidade, fragmentação**, ser de vidro, ser muito vulnerável, porque seu pensamento pecaminoso não pode manter um corpo com a suficiente resistência.

Está tão morto que enxerga **mortos**, fala com mortos. Como se os mortos fossem a realidade de seu relacionamento com os outros no mundo e não os vivos, porque ele é outro morto.

Na reação egotrófica contra essa profunda sensação de culpa, converte-se em **líder**. Em vez de ser aquela pessoa à beira de desaparecer, engrandece-se e torna-se um líder, um diretor de sociedades, de seitas, tem um egoísmo incrível. Sente-se o ponto central ao redor do qual tudo gira. É a reação contra a sensação de ser um pecador, incapaz de manter seu próprio corpo.

Acredito que para a prescrição o essencial é a **culpa desmedida**, excessiva, imaginada, que o leva a ser um **escrupuloso**, não só nos aspectos morais, mas nas banalidades. Essa escrupulosidade reflete-se em sintomas clássicos como o **controle do que faz**: *Thuja*, tipicamente, sai e se pergunta: “fechei ou não a porta?”, volta para conferir. “Desliguei a luz?”, volta para conferir. É o escrúpulo, o controle de **saber se agiu bem ou mal**, porque no fundo tem a certeza de ter agido mal. Não pode acreditar, não registra que fez aquilo bem, porque é um grande pecador, um grande transgressor, então não desligou a luz, não fechou o gás, etc.

Pergunta: Como líder, o que vai querer impor?

Resposta: Por isso **esta sensação de pecado** é compartilhada por *Thuja* e *Medorrhinum*, que acredita ter cometido o pecado imperdoável. O que o líder quer impor é a **perfeição de seus pensamentos**. Em vez de um pensamento manchado, defeituoso, pela condição do pecado, é perfeito, puríssimo.

VIPERA

Hipótese realizada pela Associação francesa. Muitas coisas não aparecem na patogenesia, porque eles têm o conceito de que toda modificação produzida por um medicamento, seja *simillimum* ou similar, num paciente tem o valor de uma patogenesia. Quando num caso clínico aparecem modificações, são incluídas no material patogênico.

Nostalgia de quando todos os bens da terra estavam a sua disposição. Observa as tradições. Imobilidade e terminação; acabamento. Aquilo que muda não está acabado.

Perfeição moral. Pede pouco porque quer ser ou acha-se completo. Não cresce ou já é velho. Dificuldade para terminar uma ação. Não faz que coisas mudem. Possuir toda a perfeição. Não há nada a transformar em minha riqueza.

Dificuldade para jogar fora coisas velhas. Não quer ir mais que até um bem já experimentado. Quer acumular bens conhecidos, conservar, prazer no imutável; porém, não se possui nem se conhece tudo, e a gente pode equivocar-se. Recusa toda experiência nova. Apegado a aniversários e seus hábitos. Não se deve mudar senão repetir o conhecido.

Suma questão 32 artigo 2: “A mudança é deleitável porque nossa natureza é mutável?”

A coleção (de objetos) terá valor por si mesma. Isto surge de dois casos, nos quais o sujeito acumulava, não jogava nada fora. Mas não é simplesmente colecionar ou aprecio pelas coisas velhas, senão que o paciente explicava claramente que *Vip* coleciona porque **acredita que as coisas velhas podem voltar a serem úteis**.³³

Tomar posse no espaço de tudo aquilo que se apresenta. O proibido marca a não-posse. O diagnóstico diferencial é *Helonias*.

ZINCUM

Falta de força para chegar a seu objetivo. Por isso fica na metade do caminho. E justifica isso dizendo que não tem força. Este problema origina-se na **inveja de ser o poder em ato**. Recusa o aspecto potencial das possibilidades humanas, não quis estar em potência, quis a força para estar permanentemente em ato como o Criador. Perdeu a faculdade de entrar em relação. Não consegue progredir através de sua opinião. A mulher “machona”.

³³ Nisto é diferente de outro medicamento que “junta coisas”: *Ignatia*, porque *Ign* não joga as coisas fora porque **sofre muito com as perdas de coisas com as que está afetivamente ligado**. É mais uma coisa nostálgica.